

# A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174

Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal.....	» »	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

## SUMMARIO

### UM EDUCADOR

#### IDEAS E FACTOS

Honorina S. O. Gomes... «Escola Prudente de Moraes»  
Ruy Barbosa..... Desenho

#### II. — A ESCOLA

Abilio Barros de Alencar... Methodo da determinação de unidades collectivas

A. Hilario Travassos Alves Um preterito errado  
E. Vilhena de Moraes... Uma do Pedrinho (poesia)  
Mestre Escola..... Tres palavrinhas  
Bibliographia  
Expediente

### III—LIÇÕES E EXERCICIOS

## Um educador

Era sem duvida um dos mais legitimos ornamentos do magisterio nacional o grande professor que, cercado da veneração de todos, acaba de passar á vida subjectiva. Toda a sua vida dedicou-a Francisco Cabrita á actividade sobre todas nobilitante do professorado; companheiro de primeira hora em todas as iniciativas, estimulador venerando de todas as energias, julgador sereno de todos os esforços.

Seu nome era vantajosamente conhecido: optimo como mestre, excellente nas funcções de examinador, em que o norteava a mais serena justiça, affavel disciplinador quando investido dos encargos da direcção, jamais sentiu alguém pelo eminente professor outra coisa que não o respeito mais acendrado. Elle poderia ferir, mas com justiça; poderia contrariar, mas dentro de principios que se sabiam invulneraveis e intransponiveis. Sua fama não se limitava ás exiguas raias do municipio: era elle um nome nacional, altamente prezado por quantos se dão ao sacerdocio do ensino ou ao estudo das questões pedagogicas.

Não permittiram as circumstancias que a Francisco Cabrita fosse dado dirigir durante largo periodo a Escola Normal ou a Instrucção Publica Municipal. Das vezes que serviu guardam, porém, os que acompanham a accidentada e por vezes dolorosa historia do nosso ensino municipal as mais gratas recordações, presentindo todos que, pelo pulso seguro, pela firmeza de vontade e pelo conhecimento dos assumptos era bem elle o homem destinado a assegurar a esse ramo da administração publica o brilho que deve ter. Amargas, bem amargas são, não ha duvida, as injunções que em certos momentos não consentem que a alta administração mantenha nos postos de responsabilidade os homens para elles nascidos, talhados e affeioados, consentindo em que elles abandonem taes logares, moralmente

obrigados, para não transigirem com actos menos dignos.

Ultimamente era á Escola Normal e ao ensino primario que, quasi exclusivamente, se restringiam suas cogitações. Naquelle importante estabelecimento de ensino dava Cabrita o mais nobre exemplo do cumprimento do dever: Querido de suas discipulas, respeitado e amado de seus collegas, que nelle viam o mais digno expoente da classe, jamais abusou dessa influencia, nos momentos em que das administrações discordava, para indispor uns com outros o professorado, a administração e o corpo docente.

Ao lado dos directores, jamais lhes foi capacho ou emprezario de manifestações; adversario, nunca urdiu revoltas nem armou indisciplinas.

Grande nome de professor e de administrador de que se ha de honrar, estamos certos, alguma das mais importantes escolas do Districto Federal, pois nenhum mais do que o delle mereee esse tributo de gratidão e reverencia.

Quanto á escola primaria, com que estava inteiramente identificado, era Cabrita um pedagogo interessado, um como inspector geral e orientador do ensino, cargo que jamais pesou no orçamento publico, e de que o investia a boa vontade de todos professores, sempre promptos a attender a seus conselhos. Desde o primeiro numero da Escola Primaria nós o tivemos conosco, sempre prompto a nos estimular com seu applauso e a nos ensinar com seu conselho. A todos os assumptos abordou o eminente mestre com seus artigos, que honraram as nossas columnas, e em todos se revelou o mesmo proficiente orientador.

Desfolhemos sobre sua sepultura as flores de nossa funda saudade.



# 1- IDÉAS E FACTOS

## Escola Prudente de Moraes

Sob a presidencia do Exmo. Sr. Prefeito do Districto Federal e com assistencia do Director da Escola Normal, de inspectores escolares e de grande numero de professores, realizou-se, com excepcional brilhantismo, a 20 do corrente, a festa de encerramento do anno lectivo da Escola «Prudente de Moraes».

Por essa occasião pronunciou a digna Directora, D. Honorina de Oliveira Comes, o seguinte discurso, muito applaudido:

«Exmo. Sr. Prefeito, exmo. Sr. Inspector, illustres representantes das autoridades, minhas Senhoras, meus Senhores:

Simple como a alma pura das crianças que hoje se expande, alegre e feliz, esta festa a que vos convoquei em meu nome e no de minhas prezadas companheiras, e a que prestaes, numa generosa demonstração de gentileza, a honra de vossa presença, confio muito della guardareis em vossos corações suave reminiscencia. Não houve tempo de vos preparar solemnidade condigna, mas animame a esperanza de que vos sintaes contentes do delicioso contagio desta alegria infantil que aqui por toda parte vêdes. Lembrar-vos-eis sem duvida, e haveis de vos comprazer na lembrança, destas cabecinhas louras ou negras, destes rostinhos alvos ou trigueiros que aqui vos fitam satisfeitos, com uma invisível mas perceptível aureola de alegria e de felicidade.

A vós, senhores, que representaes o poder, a autoridade publica, o governo, quero hoje, mostrando esta pleiade juvenil, agradecer a solicitude, o carinho que vindes consagrando á obra da educação infantil, e rogar que continueis a ter por ella a melhor das vossas sympathias. Contae com a nossa dedicação leal, sincera e esforçadissima; nós nos prezamos de ser os primeiros auxiliares da nação, pois que lhes educamos os proprios filhos e fazemos os cidadãos, e nenhum esforço mediremos, orgulhosas de nossos sacrificios, para que a mocidade de amanhã saiba prezar a sua pa-

tria, lutar e morrer por ella na paz ou na guerra.

A vós outros, membros das familias dessas crianças que educamos, a vós, que mais de perto nos conheceis pelo trato diario, a vós eu pedirei que penseis frequentemente nesta casa, a que confiaes vossos filhos. No Rio de Janeiro, como em quasi todo o paiz, são as escolas publicas, já não ha quem conteste, os mais altos, os melhores estabelecimentos de educação da infancia. Procuraes amparar essa preciosidade: a vossa escola, a escola que não é mantida como industria, para lucro pecuniario dos proprietarios, a escola onde se pratica a egualdade republicana, dogma e fundamento da vida nacional, onde não ha distincções senão as que se conquistam pelo talento e pelo esforço. Em torno desta escola, que é vossa, cerraes fileiras. Não deveremos contar somente com a administração municipal. E' preciso que accorraes em seu auxilio, organizando em torno da escola as obras de defesa, de estímulo e de sustento, que não são novidade em todos os paizes cultos. Estabelecei bem firmes e cada vez mais fortes os laços entre a familia e a escola, dando a esta o apoio moral e material de que necessita: defendei-a dos maldizentes e dos maus cidadãos que a deprimem por isso mesmo que ella é o cadinho da egualdade; constituí-lhe o patrimonio, engrandecei-a. A vós é que cabe, se quereis manifestar praticamente o vosso applauso ao nosso trabalho, desenvolver as obras escolares, peri-escolares e post-escolares no molde das que florescem em França, na Alemanha, na Suissa, nos Estados Unidos.

Finalmente, a todos, autoridades e membros das familias de nossos escolares, quero ainda dizer que podeis em plena consciencia ajudar a nossa obra, porque — orgulhosamente o dizemos — aqui se trabalha! Eu vos dou o testemunho, e aproveito a oportunidade para agradecer de publico tanta dedicação: a todas as companheiras que commigo labutam nestas classes, deveis um largo sentimento de gratidão. Benemeritas são estas modestas moças, que esquecidas de si mesmas trabalham pelo engrandeci-

mento da patria, pela formação dos cidadãos!

Nunca lhes vereis a face contrahida de aborrecimento, jamais lhes ouvireis queixas e recriminações. Trabalham, sacrificam-se, em uma palavra: dão-se. E só assim, dando-se, é que se cumpre na verdade a alta missão de educar a mocidade. Tende para essas dedicadas obreiras, que têm feito a grandeza e o nome desta escola, de cujas tradições sou guardian bem fraca, uma grande sympathia e um enorme reconhecimento. Sêde todos amigos da escola, que é a vossa melhor amiga. Cerraes fileiras em torno de nós, em torno da escola, e fazei-o firmemente por esta obra que tantos esforços têm consolidado, que tantas dedicações têm dignificado. Uni-vos pois,

vós que sois a familia e vós que sois o governo, para que floresça sempre a escola publica, o primeiro templo da religião da patria, a mais nacional de todas as obras, pois é a que forma o proprio espirito nacional.

Seja o dia de hoje o de um tratado firme, indissolúvel, eterno, dessas duas forças nacionaes e seja a escola a arca da alliança. E assim como outrora iam os hebreus entoando canticos e levavam através dos desertos pedregosos a arca santa, conduziremos nós, no meio das vicissitudes mais amargas, a arca sagrada que é a escola. Nós vol-o juramos: nenhum sacrificio será grande demais. Iremos com os pés sangrando, mas deixaremos no deserto um rastro luminoso.

## DESENHO

### Escola Normal Nacional de Arte Aplicada

(Ruy Barbosa)

(continuação)

Negar, portanto, um logar inaufeivel e de primeira plaina ao desenho na escola popular desde os graus mais elementares, é dar copia de uma ignorancia absoluta, ou de uma incompetencia incuravel no exame dos elementos da questão.

Resolvida, porém, esta, surgem consecutivamente varias outras, que, numa reforma séria, demandam a mais escrupulosa attenção do legislador e do pedagogo.

a) Que especie de desenho é o adoptavel ao ensino escolar?

b) Qual a sua distribuição pelos varios estadios do curriculo da escola, desde o *Kindergarten* até á escola superior?

c) Que methodo a razão e a experiencia impõem a esse ramo da instrucção primaria?

d) A que mestres incumbe naturalmente o ensino dessa disciplina?

e) Quaes os meios de formal-os?

E' o que examinaremos, mas que não nos caiba espaço e tempo, senão para o fazer mui perfunctoriamente.

As tres primeiras questões interdependem absolutamente, confundindo-se por assim dizer, numa só. A natureza do desenho escolar, o programma de sua distribuição, o seu methodo de cultivo são elementos cointegrantes da mesma idéa, de uma idéa fatalmente complexa.

a, b, c) CARACTER, DISTRIBUIÇÃO, METHODO DO DESENHO NA ESCOLA:

São tres faces do mesmo problema.

O sr. Joaquim de Vasconcellos, qualificando o ensino elementar do desenho, qual se professa nas escolas portuguezas, peremptoriamente o reprova. «O ensino elementar» diz elle, «reduz-se a pouco, ou nada. O chamado *desenho linear geometrico* das nossas escolas é condemnavel, em principio, como innovação na sciencia do desenho; é um *abc* tão absurdo no ensino artistico, como a soletração é um *abc* absurdo no ensino



linguístico. Entregar logo á creança a regua e o compasso, é tirar-lhe toda a vontade de aprender, toda a iniciativa; é paralisar-lhe o organ mais precioso—a vista; é fomentar a preguiça, a inercia, a incapacidade». Subscrevemos sem restricção, applicando-o ao Brazil, a que rigorosamente quadra, este juizo do eminente escriptor, o homem que, em Portugal já escreveu melhor sobre a sciencia e a pedagogia da arte, o que mais exacta concepção revela das condições essenciaes á verdadeira reforma.

Já mostrámos como o ensino do desenho deve preceder o da leitura e o da escripta, de que, como pondera esse illustre critico e educador, é «elemento auxiliar. O conhecimento da forma da letra demanda um grau notavel de percepção, o habito já desenvolvido, iamoz dizer: a sciencia da observação; e como se educa a creança nesse habito? Não é a vista o principal instrumento dado a creança pela natureza, para analysar o mundo exterior? Não é sabido de todos o gosto, a insistencia, com que todas as creanças pegam do lapis, para desenhar? Sigamos, pois, as sabias instrucções da natureza; ensinemos a creança a observar fornecendo-lhe um novo instrumento. Ella traduzirá com o crayon, na taboa, ou na louza, o pequeno mundo que absorveu em si, e, vendo então novamente o objecto que reproduziu, comparará insensivelmente o retrato com o original. Dahi á percepção correcta — *the rot of all* — do objecto a distancia é mui pequena.»

Ramificação do estudo das formas, como a leitura e a escripta mais simples nos seus elementos do que estas, e incalculavelmente prestadio no ensino de ambas, que facilita, e abrevia o desenho, nos seus exercicios mais simples, tem o seu cultivo inicial no *jardim de creanças*, entre as de 4 a 7 annos. Froebel mesmo qualificou a sua importancia no *Kindergarten*. «O desenho», escrevia elle, «é um dos meios de desenvolvimento mais valiosos para a primeira infancia; porquanto, com o auxilio delle, bastam os materiaes mais simples e o menor emprego de força physica, para discernir facil e rapidamente o que o menino por si mesmo é capaz de fazer». Já desde essa phase do ensino o desenho é encarado, pelos especialistas que têm corrido sobre a pedagogia dos jardins

infantis como «um dos meios inquestionavelmente mais importantes de educação». Depois de construir, combinando certo numero de hasterinhar de uma extensão determinada, as denominadas *fórmulas da belleza* (*Schönheits formen, forms of beauty*), enceta a creança, no *Kindergarten*, o desenho propriamente dito. Servem para este uso as lousas, cobertas em toda a sua extensão de uma rede de horisontaes e verticaes, intercorradas todas em angulo recto e uniformemente intervalladas. Começando por traçar curtas verticaes cujo comprimento não exceda o das secções verticaes da *talagarça* (digamos assim), que o diagramma da lousa representa, depois horisontaes, avulsas e combinadas com aquellas, mais tarde obliquas, cujo cahimento será determinado pelos pontos de intersecção da rede, o menino chegará, com o auxilio do lapis, mediante angulos, combinações de angulos e figuras cerradas, aos compostos geometricos, que formará com os pausinhos de Froebel, antes de utilizar-se do lapis. Para não merecerem a censura que lhes irroga uma aliás competente autoridade basta que esses exercicios se animem, deixando á imaginação do discipulo certa liberdade moderada, entre a infinidade de combinações lineares possiveis nos limites da rede, que constitue, a um tempo, um meio de suggerir á creança invenções continuamente novas, e corrigir-lhe os desvios da phantasia infantil nos seus primeiros tentames. Deste modo se instilla gradual, mas segurissimamente, ao homem, desde a primeira idade, pelo conhecimento concreto e pela reproducção pessoal das linhas e seus compostos, incalculavelmente variaveis, o sentimento da proporcionalidade das extensões, base de todo o methodo racional do desenho, a intuição da symetria, da regularidade, da harmonia de todas as fórmulas. Guiado assim, *sem lições apparentes*, o artista-sinho de cinco ou seis annos entra num periodo de surpresas e conquistas, ante a coincidencia entre as fórmulas ideaes que a imaginação lhe inspira e as fórmulas usuas, as fórmulas familiares aos seus olhos, as chamadas *formas da vida* (*forms of life*), coincidencia ás vezes casual, mas que cumpre buscar, preparar, amudar, explorar, conduzindo habilmente o imaginoso inventorsinho a concretisar,

nos objectos cuja presença e trato lhe são mais triviaes, as figuras imaginaveis que lhe delinea a faculdade creativa, fecundada, encaminhada e corrigida pelos elementos geometricos, adquiridos solidamente pelo alumno, graças aos processos do methodo froebeliano.

Pelo uso methodico desses processos é que se chegou á verificação: 1º) de que para o desenho, salvo o caso de enfermidade organica, não ha creança incapaz; 2º) de que esta disciplina é perfeitamente adaptavel ao espirito infantil desde os quatro e até desde os tres annos de idade.

Preparado assim o menino, racionalmente, nos preliminares introductorios ao desenho antes de ter a minima noção do alfabeto começa a tarefa da escola primaria. Qual o objecto, os limites e os methodos do desenho nas escolas desta classe?

A resposta depende absolutamente do conhecimento da situação, que ligeiramente exporemos, deste problema nos tres Estados, onde elle tem recebido até hoje a solução mais systematica, mais cabal, mais notavel pela excellencia dos resultados: a Inglaterra, os Estados Unidos, a Austria.

*Inglaterra*—Para informação tão rapida, quanto completa e fiel, da Camara, pediremos o transumpto da legislação, dos programmas e da experiencia na Inglaterra a um escriptor frequentes vezes invocado por nós nesta especialidade. Eis aqui o seu habil resumo:

«I. O mestre terá conhecimento, ao cabo de quinze dias, do grau de aptidão dos seus diferentes discipulos, e começará a terceira semana com uma *classificação* dessas aptidões, estabelecendo (si julgar necessario) para os mais atrazados uma *classe preparatoria*. Esta nunca deverá ter mais de 10 ou 12 discipulos; porque é necessario, é indispensavel que o mestre possa corrigir cada um dos trabalhos de cada um dos discipulos duas e até tres vezes durante a lição.

«II. Os discipulos da classe preparatoria seguirão gradualmente para a *classe geral*, que nunca deverá ter mais de 20 a 25 discipulos.

III. Poderá estabelecer ainda uma *classe superior* (dentro da *geral*) de pequeno numero.

«IV. Excedendo-se o numero de

25 é preciso recorrer ao auxilio de um ajudante.

«V. A duração do ensino deve variar: meia hora para os discipulos de 7 a 9 annos; depois mais um quarto; para os outros, tres quartos, e depois uma hora.

«VI. O mestre deverá construir um horario do ensino com o *Numero de lições, Data, Assumpto da lição, Notas*. Aliás ser-lhe-ha impossivel estabelecer uma gradação rigorosa no ensino.

«VII. O desenho, tanto de objectos como de estampas, será feito de tres modos:

«a) Desenho de memoria (cópias e objectos).

«b) Desenho de invenção.

«c) Desenho a tempo fixo.

«O primeiro far-se-ha tanto sobre os objectos como sobre as estampas; o segundo versará sobre a composição com os elementos já aprendidos; o terceiro constará de exercicios tirados da escala do ensino immediatamente inferior á capacidade do discipulo. O *desenho a tempo* tem por fim educar no discipulo um golpe de vista rapido e seguro; desenvolver nelle o sentimento das qualidades caracteristicas dos objectos e combeter a indolencia em geral.

«VIII. O mestre deverá olhar attentamente pela compostura do discipulo, já estando elle sentado, já em pé; deverá attender á posição da mão.

«IX. A escolha dos objectos e estampas é uma questão de importancia capital. O mestre não passará nunca a uma serie superior, sem que toda a classe haja executado uma serie anterior completa, por meio de alternação dos numeros, entre os discipulos. O mestre deverá attender, sobretudo nos primeiros tempos, a que o thema dado para a lição não exceda, pelo trabalho, o tempo destinado a ella. Deverá deixar-se toda a liberdade de escolha ao discipulo, apresentando-se-lhe a serie dos modelos ou estampas correspondentes ás suas aptidões no principio de cada lição.

«X. O mestre nunca deverá fazer correcções no proprio desenho do discipulo mas sim a margem, ou numa folha á parte. Será melhor ainda que o discipulo corrija os seus proprios erros, depois do mestre lh'os ter demonstrado. A exactidão do desenho obtem-se progressivamente, com o tempo. Forçar o



discipulo logo a grande rigor seria pedir o impossivel e cançal-o.

«XI. O mestre nunca deverá consentir que o discipulo comece a desenhar qualquer objecto ou copia, antes de a ter estudado na sua totalidade e nas suas partes, comparando-as entre si; assim como não deverá consentir que o discipulo trace uma linha, sem ter marcado previamente os pontos extremos della no seu desenho.

«XII. O lapis e o papel branco devem ser banidos do ensino elementar. O discipulo desenhará primeiro com crayon branco sobre uma taboa ou lousa de dimensões razoaveis, e depois com carvão e crayon preto (*Conté*) sobre papel de cor; o manejo do crayon e do carvão habitua o alumno a desenhar a traços largos rasgados, a desprezar os accidentes com prejuizo das qualidades caracteristicas do objecto; previnirá a tendencia, funesta nos primeiros graus, de querer o

discipulo *acabar* demasiadamente o desenho, e de se illudir com effeitos de uma *virtuosidade* esteril que fatigará sempre. A taboa deverá ser pintada antes de castanho semi-escuro do que de preto. O uso da caneta para segurar o gesso e carvão deve ser igualmente banido, ao principio; porque embaraça a liberdade do traço. O ponteiro de lousa não serve; porque torna o desenho vagaroso a mão aspera e pesada.

«XIII. O ensino das cores com um diagramma bem calculado tem cabimento na escola primaria para os discipulos de 8 annos em deante; a pratica tem-no provado.

«XIV. O ensino da perspectiva deve entrar no fim do curso, numa forma elementar pratica e numa escala rigorosamente graduada.

«XV. O ensino de modelação fica excluido, como pertencente á escala de desenho de segundo grau».

## II. — A ESCOLA

### Methodo da determinação de unidades collectivas

(PARA O ENSINO PRIMARIO)

Ao mestre insigne Dr. Francisco Cabrita, um dos maiores obreiros da maior e da mais importante das obras que o nosso caro Brasil tem a construir: a Instrução Popular.

«*Les mathématiques ont des inventions très subtiles et qui peuvent beaucoup servir, tant à contenter les curieux qu'à faciliter tous les arts et à diminuer le travail des hommes*» — DESCARTES.

Relendo o excellente artigo do illustrado professor e eminente educador, Dr. Francisco Cabrita, publicado em a «Escola Primaria», no seu numero 1 de Outubro de 1917, sob o titulo — *Rabugices*, tive a idéa de escrever as singelas linhas que seguem, e que, embora retardadas, não perderam ainda a sua oportunidade.

O objecto do presente artiguelho, com a epigraphe — *Methodo da determinação de unidades collectivas*, vae sem a pretensão de discutir ou de estabelecer doutrina nova; comtudo, é provavel, — que possa elle contribuir para esclarecer de modo preciso e geral a *noção de unidade em arithmetica applicada*, facilitando, pelo emprego do methodo citado, a solução de muitas questões praticas.

Sabemos que a noção de unidade é dada commumente por muitos professores e pela maioria dos compendios didacticos, de modo restricto e até mesmo obscuro.

A unidade não significa sómente uma unica coisa ou objecto representado pelo numero 1, como a definem muitos autores e professores, mas pode ser ainda, não só essa unica coisa, como também e de maneira mais lata — *um todo representado pelo symbolo 1*. Devemos pois considerar o signal 1 como sendo

tambem um symbolo geral, o qual não só representa uma unica coisa divisivel ou mesmo indivisivel pela sua natureza, como igualmente *varias coisas* naturalmente separaveis umas das outras e constituindo um todo.

Portanto o symbolo 1 pode significar um numero ou uma quantidade qualquer.

Alguns autores dão a certos grupos de coisas ou de objectos, por exemplo, — de *doze e cem*, a denominação de *unidades collectivas* ou compostas, como 1 *duzia* de laranjas, 1 *cento* de abacates, etc.

A denominação de unidades collectivas, posto que nos pareça ao primeiro exame paradoxal, tem a sua razão de ser e é susceptivel de adquirir ainda maior extensão, sobretudo na avaliação das grandezas continuas em que empregamos a unidade *arbitraria*, que é, como sabemos, *um todo composto de unidades menores* ou *subsidiarias*. Consequentemente a unidade arbitraria *pode* com acerto ser considerada *tambem* uma unidade collectiva, e muitas vezes, na pratica, ha inteira conveniencia de assim a considerarmos.

O nosso escopo, escrevendo estas simples linhas, é mostrar aos nossos alumnos primarios a solução pratica de algumas questões pela applicação do methodo acima referido.

Baseando no que acabámos de expor, facil nos torna substituir, com relativa vantagem, o classico *methodo de redução á unidade*, por este outro que já denominámos, embora nos falleça autoridade para tal, de *methodo da determinação de unidades collectivas*.

### DA SUA APPLICAÇÃO

Daremos aqui a solução de alguns problemas elementares resolvidos pelo methodo das unidades collectivas.

**KOLINOS**

O creme dental scientifico antiseptico e germicida. Produz na bocca uma exquisita sensação de asseio e limpeza que perdura muitas horas depois de tel-o usado,

### HEITOR RIBEIRO & C.

Papelaria = Artigos para Escritorio e Desenho  
Papel e Livros em branco

Typographia, Lythographia, Pautação e  
Encadernação

R. da Quitanda, 88, 90, 92

Officinas: R. do Rosario, 87

Telephone Norte 1664— Caixa do Correio, 357

End. Telegraphico RICEBO RIO DE JANEIRO  
Os professores gozarão de abatimento

### VILLA DE PARIS

Uniformes e enxovaes para collegiaes

Camisaria - Gravataria Roupas  
feitas Tecidos de lã e algodão

35, RUA DOS OURIVES, 35

RUA BUENOS AIRES, 76 - Rio

### UNIÃO MANUFACTORA DE ROUPAS

Proprietaria das maiores fabricas de roupas brancas da America do Sul

(Sociedade Anonima)

CAPITAL INTEGRALIZADO 1.500:000\$000

FABRICAS:

RUA HADDOCK LOBO, 406, 407, 410 e 412 — RUA GONÇALVES CRESPO, 43 e 45

RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Departamento de Vendas Geraes — RUA ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Escritorio RUA HADDOCK LOBO, 406, 408, 410 e 412



1º — Os ovos estão a 1\$500 a dúzia; quantos ovos poderei comprar com 5\$000?

## SOLUÇÃO

Tomemos a unidade collectiva uma dúzia.

Em primeiro lugar procuraremos determinar o numero de dúzias de ovos que pode ser comprado com 5\$000. Determinado este numero de dúzias, o converteremos, multiplicando por 12, em um certo numero de ovos. Assim: custando uma dúzia 1\$500, com 5\$000 compra-

remos  $\frac{5000}{1500}$  dúzias; e como cada dúzia

tem 12 ovos, o numero de ovos pedido será evidentemente

$$\frac{5000}{1500} \times 12 = \frac{5000 \times 12}{1500} = 40 \text{ ovos.}$$

2º — «Quatro homens fizeram 5 metros de certa obra; quantos homens farão 15 metros?»

## SOLUÇÃO

Neste problema tomaremos como unidade collectiva os 5<sup>m</sup> feitos pelos 4 homens. Determinaremos o numero de vezes que a unidade 5<sup>m</sup> está contida em 15<sup>m</sup>, e como para cada 5<sup>m</sup> são precisos 4 homens, é claro que o numero de homens pedido será

$$\frac{15}{5} \times 4 = \frac{15 \times 4}{5} = 12 \text{ homens.}$$

3º — «7 costureiras fizeram 5 vestidos em certo tempo; 11 costureiras quantos vestidos farão no mesmo tempo?»

## SOLUÇÃO

A unidade collectiva é aqui constituída pelas 7 costureiras as quaes fazem 5 vestidos.

Ora, é logico e facil,—que o numero de vestidos que pede a questão, é o producto do numero de vezes  $\frac{11}{7}$  por 5, ou

$$\frac{11}{7} \times 5 = \frac{11 \times 5}{7} = 7 \frac{6}{7}$$

Este resultado deve ser interpretado como nos ensina o Dr. Cabrita: — «As 11 costureiras farão mais de 7 vestidos». «Não chegarão a fazer 8». «Farão quasi 8».

4º — 24 operarios fazem em 6 dias, trabalhando 8 horas em cada dia, 360<sup>m</sup> de certa obra; quantos metros farão 15 operarios, trabalhando 10 dias, 5 horas diárias?

## SOLUÇÃO

Para resolvermos este problema pelo methodo das unidades collectivas, faremos o seguinte raciocinio:

Disposição dos dados:

1ª linha 24<sup>m</sup>—6d.—8h.—360<sup>m</sup> das unidades collectivas.

2ª linha 15—10—5—x.

Si 24 operarios fazem 360<sup>m</sup> de certa obra em 6 dias de 8 horas, os  $\frac{15}{24}$  de 24

operarios farão  $\frac{15}{24} \times 360 = \frac{15 \times 360}{24}$

metros no mesmo tempo; em  $\frac{10}{6}$  de 6

dias de 8 horas farão os mesmos opera-

rios  $\frac{15 \times 360}{24} \times \frac{10}{6} = \frac{15 \times 360 \times 10}{24 \times 6}$

metros; nos  $\frac{5}{8}$  de 8 horas farão portanto

$$\frac{15 \times 360 \times 10}{24 \times 6} \times \frac{5}{8} = \frac{15 \times 360 \times 10 \times 5}{24 \times 6 \times 8} =$$

$$= 234,375.$$

ABILIO DE BARROS ALENCAR

(Lente da Escola Normal de Manãos)

## UM PRETERITO ERRADO

Ha uma infinidade de questões grammaticaes ainda dependentes de solução.

Para a maioria dos casos só ha hypotheses formuladas. Cada livro que surge apresenta uma opinião individual ou traz ideas ou orientações divergentes.

Não ha unidade de vista nos trabalhos didacticos.

Quem tiver uma parcella de responsabilidade no ensino, é forçado a manter uma desenvolvida bibliotheca para consulta e mesmo assim encontrará, ás vezes serios embaraços para tomar resoluções definitivas.

Nesta emergencia nos achamos e, como humildes leitores e fervorosos apreciadores da revista pedagogica *A Escola Primaria*, vimos apresentar a julgamento uma das questioniuncias que temos em observação.

E' commum, na bibliographia escolar que temos manuseado, encontrarmos entre os flexões do verbo, a denominação de — *Preterito mais que perfeito*— para designar o tempo «que exprime acto ou facto passado em relação a outro acto ou facto tambem passado».

Não haverá impropriedade nesta definição?

Não será illogica esta classificação?

Haverá, ahi, acto ou facto *mais que perfeito*?

Ora, se este tempo regista um acto ou facto preterito *em relação* a outro, tambem passado, não será mais propria a designação de Preterito ou Passado *Relativo*?

Foram estas as idéas que nos ocorreram quando publicámos, duas vezes, no extremo Sul, o opusculo de nossa autoria—*Verbos da lingua portuguesa*, con-

jugação completa, onde annotámos esta observação.

Agora, porém, em contacto directo com illustrados professores desta grande metropole, tivemos oportunidade de compulsar diversas obras, entre ellas o livro do saudoso mestre, Dr. Castro Lopes—Artigos philologicos,—onde encontramos orrigida a designação de —*Preterito mais que perfeito*— para *Preterito mais que o perfeito*, conforme se verifica de paginas 281 a 283, da collectanea postuma.

Curvamo-nos diante da opinião abalísada do philologo, porém, nós, modestos professores da roça, que temos de contornar todas as difficuldades do ensino elementar e complementar, embora convencidos da exacção etymologica do qualificativo, no referido tempo, não podemos deixar de insistir na proposta de um substituição que praticamente nos parece mais simples, propria e logica.

O proprio philologo citado, condemnando a deficiencia e contradicção da tecnologia grammatical, ahi diz:

«Sem querer o severo e rigoroso emprego que philosophicamente tem o adjectivo—perfeito—, não impugnarei a classificação dada ao verbo, quando exprime acção em absoluto e em um tempo passado: admitto que se chame a esse tempo—*Preterito perfeito*».

Não é este o *casus belli*; mas *Preterito mais que perfeito*... isso é que não.

Mais adiante, continua o purista, referindo-se aos grammaticos latinos: Taes grammaticos chamarão a esse tempo verbal —*Preteritum (tempus) plusquam perfectum*.

Da infiel e incorrecta traducção dessa denominação latina é que veio o mal.

A simples falta do artigo—o—que deve proceder a palavra—*perfeito*—traz e envolve absurdo: dizer que uma cousa é *mais que perfeita* repugna á razão; a qual no que é *perfeito* não pode absolutamente admitir *mais*.

Os preços marcados nas perfumarias expostas na

“PERFUMARIA A' GARRAFA GRANDE”

não admittem confronto,

66, Rua Uruguayana, 66 ---

Chocolate e café Só

**ANDALUZA**

Fabrica— RUA DOS ANDRADAS

RIO DE JANEIRO



## Bibliographia

Deve, portanto, a denominação desse *Preterito* ser *Preterito mais que o perfeito*, pois que a acção por elle expressa é executada em tempo *mais passado*, mais *preterito*, que acção do *preterito perfeito*.

Esse tempo é mais perfeito que o perfeito; isto é, que o *preterito, perfieto* como dos exemplos citados se verifica».

Pela demonstração acima se deprehende que o designativo—*Preterito mais que perfeito*—é erroneo e que o illustre pedagogo não estabeleceu tambem a mudança do complicado qualificativo etymologico.

Assim, fallecendo-nos competencia para julgarmos da coherencia de nossa observação e de innumerables problemas como empregos dubios de vocabulos construcções syntacticas, emfim, temas de nosso vernaculo, e como essa revista pedagogica tem esclarecido diversos assumptos didacticos e orientado o nosso ensino de humanidades, submettemo-nos á opinião desse nucleo de abnegados patrios, que, com grande competencia e prestigio, têm estudado, discutido e solucionado theses importantes, que affectam directamente ao ensino elementar e complementar.

Assim propomos, despretenciosamente, a substituição do improprio e incorrecto *Preterito mais que perfeito* e da complicadissima e transcendente qualificação de—*Preterito mais que o perfeito*—pelo titulo mais simples, intuitivo, proprio e logico—*Preterito relativo*. Embora a segunda seja expressão erudita, julgamos-a não ser didactica, porque não define e por ser prolixa.

A. HILARIO TRAVASSOS ALVES

RUDIMENTOS DE HYGIENE por Alcina Moreira de Souza e Maria dos Reis Campos, professoras pela Escola Normal do Districto Federal.

E' com grande satisfação que vemos nos ultimos annos dedicarem-se á producção dos livros didacticos algumas de nossas boas professoras, bem reputadas como antigas alumnas da Normal ou como profissionaes de merito no exercicio do magisterio nas escolas primarias.

Uma das autoras do presente trabalho, D. Maria Campos, é já conhecida nas letras didacticas como autora de bem feito compendio de Historia Geral, ao qual o magisterio soube fazer a devida justiça. A outra é estréante, e começa fazendo jus a applausos, que não regatearemos jamais a todos os esforçados.

*Rudimentos de Hygiene* são um livrinho de cerca de 160 paginas, bem impresso, ainda que em papel de qualidade pouco recommendavel.

Prefacia-o com algumas linhas de encomiastico applauso o antigo director Afranio Peixoto, que tantas sympathias soube fazer na instrucção publica do Districto Federal.

Os pontos estão tratados com grande clareza e perfeito conhecimento do assumpto, sendo ministrado todo o programma actual, em palavras simples e estylo despretencioso, de modo a tornar o ensino accessivel a todos os professores.

Orientados os docentes por tão seguro guia, fiamos que o ensino das noções de hygiene será doravante uma realidade.

O. R.

## Uma do Pedrinho

Jean Aicard



E

IS o que um dia fez Pedrinho, em pequenino:

Meu pae era marujo, e quiz o seu destino

(As palavras de Pedro exponho por inteiro)

Afastal-o de nós, bem longe, num cruzeiro,

Um anno ou talvez mais. Em noites de procella,

Via mamãe chorar, fechando os olhos, ella! . . .

— «Porque fechas assim teus olhos, mamãezinha?»

— «Ah! que Deus nos ampare, ó filho, vida minha.

«E para ver melhor dentro do coração»

— «Ver o quê? — «Um batel, dos mares na amplidão,

Com teu pae á mercê da tempestade brava.»

E para me beijar quando ella se inclinava,

Dizia-lhe eu baixinho, assim como em segredo:

— «Quero vel-o tambem. Deixa, não tenho medo.»



Tornia meu pae a casa, emfim, um bello dia,

E aos corações com elle um raio de alegria.

Mas eu constantemente andava a repensar

Nas noites em que via os barcos no alto mar!

E si meu pae se punha um momentinho fora,

Era certo exclamar: «Pedrinho! Eil-o que chora! . . .»

Apertava-me mamãe enfão num longo abraço,

E, ás vezes, de einoção meu pae sustinha o passo.

O maior tonico da fadiga nervosa, da fadiga cerebral, da surmenage em geral

**KOLATENO**

E' o summum dos principios activos da NOZ DE KOLA FRESCA, a que se acham associados o MALT e o PHOSPHATO DE SODIO

DOSES: 2 a 4 colheres das de chá por dia, puras ou diluidas em meio calice d'agua



## Tres palavrinhas

Aqui estou hoje de novo, com tres palavrinhas que pesquei já não me lembra onde.

**Libellula.** — Esta, ouvi-a ha pouco em um theatro, quando a orchestra começou um dos numeros do programma. — E' da *Dansa das Libellúlas* — disse a meu lado um gorducho senhor, entendido de musica, muito entendido mesmo, a julgar pelo modo por que cabeceava ora para cá, ora para lá, como se regesse a orchestra... com a cabeça.

Mas a curiosa «batata» já estava registada em meu canhenho, já contava antiguidade. Foi pela ultima temporada da Clara Weiss, si não me engano, que nasceu. «A elegante *libellula*, com o corpo esguio, azas prateadas e transparentes... e accento tonico na syllaba *be*, tão nossa que era... De repente, começou alguem a dizer em italiano *Danza delle libellúle*. Foi talvez algum amigo dos gregos quem assim assassinava a prosodia da lingua de Dante, mas como a Italia de Mussolini estava na ponta, graças a occupação de Corfu, os italiciparlas resolveram naturalmente transladar ao vernaculo a batata italiana. E começaram a grassar por aqui as libellúlas, de leves, ageis, esdruxulas que eram, passaram a pesadonas e graves essas a quem as crianças tanto perseguem, as pobres «lavadeiras».

Mas pelo amor de Deus, corriamos a prosodia! Errado é *libellúle* em italiano, errado *libellúla* em portuguez.

**Lança-perfume.** — Ahi vem o Carnaval! Já comprou a sua lança-perfume? — As *minhas* são Rodo.

Quem já não ouviu por ahi a palavra *lança-perfume* com o genero trocado? Corrijam, meus amigos, corrijam. *Lança-perfume* é tão masculino como *espirra-cheiro*, que é como dizem os caipiras de minha terra, quando vêm á villa no tempo da loucura, dos mascarados!

**Delta.** — Esta pobre palavra tambem, quantas vezes a tenho ouvido com o genero trocado! E' a tendencia popular, fazer femininas as palavras terminadas em *a*. Mas *est modus in rebus*. A enorme maioria das palavras puramente

vernaculas de uso antigo e popular, são femininas se terminam na primeira das vogaes, mas ha excepções. *Delta* é masculino, seja no sentido de accidente geographico, seja no de letra do alphabeto grego, letra da qual tira o accidente o proprio nome. As letras gregas cujos nomes terminam em *a*, na transcripção, são todas masculinas: *um alpha, um bêta, um gamma, um delta, um dzéta, um éta, um théta, um ióta, um Cappa, um lambda, um sigma, um omega*.

Eu, que nas horas vagas sou tambem professor de geographia, cujos alumnos são esfolados pelos drs. Gabaglia, Honorio Silvestre e Othello Reis, muitas e muitas vezes tenho cortado em provas *as deltas* de meus meninos. Concito-vos, meus caros collegas, a fazerdes o mesmo.

MESTRE-ESCOLA.

## Correspondencia de tres palavrinhas.

J. P. — Acho que são locuções conjuncionaes concessivas, tanto *por mais que* como *por menos que*. Igualmente *por muito que* e *por pouco que*. Taes locuções apresentam notavel particularidade: a de poder vir nellas intercalado o objecto do verbo ou seu complemento circumstancial ou o predicativo. Exemplo: *Por mais que estude, não aprende.* — *Por menos que faça, está garantido.* — *Por muito que te estime, não posso permittir.* — *Por pouco que ganhe, vive feliz.* — *Por mais empenhos que procure, nada conseguirá.* — *Por menos tempo que fique, sempre me atrazará.* — *Por menos fructas que coma, a despeza é grande.* — *Por pouco dinheiro que possua, de nada precisa.*

A. R. — Conforme, minha boa amiga. Si eu disser: *Trabalhei muito até que emfim conseguí adquirir a sua confiança* — temos o *até que* locução conjuncional de tempo; introduz uma oração subordinada. No caso de que fala, porem, a expressão *até que* é meramente de realce ou de reforço: *Até que emfim, chegámos!* — *Sim, senhores, até que emfim em nossa casa!* Disponha; terei sempre muito prazer.

M. E.

Uma noite, na sala, após a ceia, emquanto  
Palestravam os dois e, acororado a um canto,  
Parecia eu dormir, meu pae dest' arte falla :  
— «Parto amanhã; socega, é longe, mas escala  
«Fazendo em tal lugar, saber noticias vaes.  
«Quanto ao Pedrinho, é bom, mas sensível demais ;  
«Ninguem dirá que elle é filho de marinheiro !  
«Não me agrada esse pranto infindo, esse berreiro ;  
«Um marmanjo, afinal ! E eu a seguir viagem  
«Sem o vêr, pois não tem um pingo de coragem !  
«Quero um homem achal-o, ao meu regresso. Agora...  
«Si souber que amanhã me vou, cedinho, embora,  
«Nem sei o que será... E' bom não accordal-o!»

E eu, quieto, ouvindo tudo... O meu crime não calo  
E' feio andar á escuta, em todo caso, vem  
Excusar-me um pouquinho a pratica de um bem :  
— «Ter coragem, Pedrinho, exclamo, eis o que importa !»  
E quando, no outro dia, abriu de manso a porta !  
Meu pae, na escuridão, para seguir caminho,  
A' soleira o seu Pedro estava deitadinho  
Com o cachorro, no chão, dormindo a somno solto.  
Fico em pé. Vem mamãe, e eu, calmo e desenvolto :  
— «Olha, não choro mais, sou homem, bem o vês,  
«Papae. Foi elle então que chorou dessa vez...

2-3-923

E. Vilhena de Moraes



### III - LIÇÕES E EXERCÍCIOS

#### EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

3º ANNO

##### Principaes serviços publicos da cidade

**Agua.**—Um dos confortos preciosos de que gozamos é a agua potavel liberalmente fornecida a domicilio ou, nas zonas mais afastadas do coração da cidade, nos chafarizes publicos.

Abrimos a bica e eis que jorra a agua crystalina, fresca, tão grata ao proprio paladar. Si temos sede, só com ella verdadeiramente nos desalteramos: nenhuma outra bebida extingue tão completamente a secura da bocca, da lingua, da garganta, essa ardencia que, prolongada, nos leva ao maior dos martyrios.

Eil-a que jorra. Habitados a vel-a assim, boa, obediente, correr para o morningue, ou para a talha, ou para as garrafas, si destinada a nos matar a sede;

para cozinhar, bem como que sirva para o banho é um primeiro conforto indispensavel. Mas nem sempre é pura a agua dos poços, vehiculo muitas vezes de perigosos germens pathogenicos.

Em muitas casas dos arrabaldes ha cisternas com boa agua. Mas é quasi sempre arriscado servir-se uma pessoa de tal agua para beber.

Em outros pontos, a agua jorra de minas ou fontes: sae em geral transparente, pura e muito fria, tão fria que embacia os copos.

As aguas das fontes, sabemol-o bem é que vão formar os rios.

O homem utiliza-se das aguas das fontes, *captando-as*, isto é, recolhendo-as por meio de canalizações proprias, a reservatorios, donde é depois distribuida. Captada o mais proximo possivel das mais remotas nascentes, a agua dos rios está livre de contaminações, a que não

O progresso é o desenvolvimento gradual do dominio do homem sobre a materia.

FURGOT.

ou para a banheira ou a piscina, si vamos mergulhar em delicioso banho, quasi já não lhe damos attenção. Falte-nos ella, porém, um unico dia, o que algumas vezes succede por accidente, e logo perceberemos o enorme desarranjo que o seu desaparecimento nos causaria.

A agua encanada! Parece incrivel que nem sempre tenha sido assim como hoje e que ainda existam logares onde o precioso liquido não vae ter ás habitações, levado por encanamentos de ferro ou de chumbo! Entretanto assim foi, e ainda em muitos logares assim é.

A agua de que nos utilizamos pode provir directamente da chuva, ou das fontes e poços. A das chuvas, quando se guarda, difficilmente dá para bem pouco tempo. Em geral é dos poços, minas e rios que nos abastecemos. Uma cisterna que dê agua boa de se beber e propria

pode escapar quando atravessa, a descoberto, logares povoados.

Quando, porém, as fontes estão excessivamente longe, quando a cidade não dispõe de mananciaes proximos, então o homem é obrigado a utilizar a propria agua dos rios, colhida em logar povoado, mas o precioso liquido tem então de soffrer purificação.

O Rio de Janeiro, é quanto á agua, uma das melhores cidades do mundo. Nossa agua é pura, transparente, leve e saborosa. Antes de ser entregue ao consumo do povo, passa ella por varias operações que têm por fim, embora seja optima, depural-a ainda mais, filtral-a, re-tendo todas as pequenas impurezas que haja adquirido.

As primeiras aguas que se captaram para uso da cidade foram as do morro de Santa Thereza. Foi no seculo 18, logo

depois de 1740, que se iniciou, no governo de Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, a grande obra de captação. Recolhidas as aguas, foram conduzidas, por extenso aqueducto, que ainda hoje se vê na pittoresca montanha, até o grande reservatorio do largo da Carioca, passando por sobre os famosos «arcos» de Sta. Thereza.

Actualmente, temos não só as aguas de Sta. Thereza e da Serra da Carioca, mas ainda a de varios mananciaes dentro do proprio Districto Federal, e principalmente as que vêm das serras do Tinguá e Commercio, no vizinho Estado do Rio de Janeiro.

A agua é conduzida para varios grandes reservatorios donde se distribue a toda a população.

E' esse um dos grandes serviços publicos. E' o governo quem adquire mananciaes, capta as aguas, estabelece as canalizações conductoras, constroe os reservatorios e estipendia os empregados numerosos, necessarios ao serviço: guardas das mattas, operarios de toda a sorte, engenheiros, um exercito de pessoal habilitado e de cuja necessidade á primeira vista nem todos se apercebem.

A despesa effectuada com a manutuição do serviço do abastecimento d'agua é enorme. E que pede o governo, directamente, ao povo para lhe dar agua em casa ou na rua? Uma contribuição minima.

Quem se der ao trabalho de estudar as queixas das diversas grandes cidades do mundo, fazendo um estudo comparativo, ha de ver que muito exageradas são as nossas reclamações. Aqui, habituado a grande fartura, basta-nos uma diminuição do fornecimento, causada pela secca demorada, para que nos irriteemos contra o governo, e a repartição encarregada do serviço, e seus funcionarios. Queiramos melhorar, mas tenhamos tambem alguma resignação para supportar pequenos contratempos que uma ou outra vez occorem. Tenhamos em mente que já é um grande beneficio da vida em sociedade, sob governo e sob o dominio da lei, termos a nossa disposição e por preços tão infimos os resultados de obras tão dispendiosas, que entregues a iniciativa particular, que os explorasse commercialmente, nos sahiriam enormemente mais caros.

OTHELLO REIS.

#### HISTORIA E GEOGRAPHIA

7º ANNO

##### Historia do Christianismo

Da lição dada sobre os povos da antiguidade, recapitule o professor as informações historicas referentes aos Hebreus e fale especialmente na religião monotheista do povo de Israel, em seus costumes simples e puros na elevação de seus preceitos de moral a cujo cumprimento exacto eram incitados pelos *patriarchas*, firmes na crença de uma vida espiritual futura e na certeza da vinda do Salvador promettido a Adão por Jehovah.

Conte como o Messias annunciado pelos prophetas de Israel nasceu em Bethlém, na Galiléa, filho de paes humildes, tendo por berço as palhas de uma mangedoura; e faça conhecer a vida de Jesus, pura e bella, a semear o Bem e a offerecer a salvação aos homens renasci-

dos para uma vida nova de graça. E, no emtanto, não foi comprehendido pelo seu povo: accusado e perseguido, soffreu por pregar o Amor e a Virtude e na Cruz morreu ensinando a perdoar.

Diga que após a resurreição do Divino Mestre, possuidos de inabalavel fé nas verdades por Elle ensinadas, deram aos Apostolos notavel incremento ás doutrinas christãs: milhares de pagãos convertem-se e a nova fé passa ao Oriente, á Roma, á Gallia, á Hespanha. Aos *presbyteros*, seus successores, delegam os apostolos poderes para pregar o Evangelho, dar o Baptismo, celebrar a Ceia.

Relate as luctas dos christãos contra a hostilidade dos Judeus e as perseguições supportadas com denodado heroismo, em Roma principalmente. Mostre como, durante tres seculos, soffreram os christãos perseguições tremendas sem que se lhes quebrantasse jamais a crença, a perseverança: o sangue dos martyres



fecundava novas sementes e centenas de creaturas soffredoras procuraram consolo e resignação nos braços da Cruz.

Nascida no seio da civilização greco-romana a doutrina christã chocava-se de encontro ás idéas e costumes da época, mas tudo venceu. Secreta a principio, em Roma só a abraçaram os pobres e humildes que, na solidão das catacumbas, celebravam as cerimoniaes do culto da Religião do Amor e da Justiça; depois da conversão de Constantino foi proclamada a sua victoria e o edito de Milão, em 313, concedeu a seus adeptos o direito de professarem em publico a sua fé. E foi então que barbaros e civilizados, homens rudes e simples e homens versados em sciencias adoptaram o novo Credo que, diffundido por toda a parte, se introduziu afinal nas leis e codigos fazendo desaparecer os barbaros combates e jogos do circo romano, melhorando as condições da mulher, dos fracos e oprimidos, acabando o que de mais degradante havia na escravidão.

Diga que depois de esphacelado o imperio romano, invadido pelos barbaros, o Christianismo impoz-se ás nações novas que se constituíram sob seus auspícios. Durante a Edade Media os frades, nos conventos, salvaram os manuscriptos da antiguidade, copiando-os; e os mosteiros foram casas de beneficencia e asylos abertos ao estudo.

A esse periodo aureo seguiu-se outro de duras provações para a Igreja constituida: ataques ousados de espiritos rebeldes a seus preceitos vieram collocar os christãos em campos oppostos, seguindo uns as regras dictadas pela Reforma de Luthero e de alguns outros revoltados, e permanecendo a maioria sujeita á autoridade do Papa. Constituem os primeiros as diversas seitas *protestantes*; os segundos são os *romanos*.

Termine o professor declarando que o Christianismo operou uma revolução social nos costumes e pode-se dizer que é elle o fundamento da civilização moderna. Si não extinguiu o mal na terra, fez diminuir muito os crimes e violencias, reparou injustiças, suavizou os horrores da guerra, creou o direito das gentes; a cavallaria para a defesa dos fracos e garantia á justiça, tornou sollicitos os grandes em favor dos pobres e soffredores, creou e manteve a affeição e o respeito na familia pela condemna-

ção da polygamia, combatendo as paixões e excessos dos principes.

Pode o professor referir-se tambem á contra reforma de Ignacio de Loyola e á instituição da Ordem da Jesuitas e do tribunal da Inquisição. Condemnando este ultimo pelos excessos e crimes praticados depois que se tornou arma politica de perseguições, não se esqueça de confessar a grandeza da obra dos Jesuitas que, em nossa terra, restringiram os abusos dos primeiros povoadores, temperando a cobiça e ignorancia dos colonos em favor das raças escravizadas, principalmente da raça indigena para cuja civilização abnegadamente trabalharam os incansaveis missionarios christãos.

Rio — Dezembro de 1923.

MARIA ALVARENGA

## GEOGRAPHIA

4.º ANNO

### *Technologia geographica*

Continuamos hoje a fornecer a traducção do capitulo de Redway sobre o taboleiro de modelar as formas geographicas.

«Deve-se ter bem em mente que o taboleiro é destinado á repetição de formas que actualmente occorrem na natureza, e não para a creação daquellas que possam existir na imaginação. Principalmente, que no que toca ao objectivo do ensino primario, é muito facil levar-se o exercicio do taboleiro alem dos limites da utilidade.

«Primeiro, reproduz o alumno uma forma encontrada na natureza, não tanto pela forma em si mesma, mas principalmente para adquirir habitos mais precisos de observação, e subseqüentemente para affeiçoar a imaginação a conceber fórmas que a maioria dos discipulos não conhecem senão de gravuras. Quando isto se acha realizado, o uso habitual do taboleiro não é mais necessario; só deveria ser invocado depois quando o alumno fosse incapaz de formar uma concepção verdadeira sem elle. Exactamente como haverá exigencias occasio-

naes do uso do quadro negro, do mappa, ou de qualquer outra peça da aparelhagem escolar, assim tambem será exigido aqui ou ali o taboleiro de modelar. Devo em tempo accrescentar que nem o gastar o taboleiro, nem quantidades de areia, nem habilidade na manipulação podem compensar a deficiencia do saber da materia ensinada, ou a falta de zelo no preparo da tarefa diaria. O taboleiro de modelar é apenas um instrumento, e a excellencia do instrumento não implica necessariamente competencia da parte do artesão.

As primeiras lições que podem ser ministradas com o auxilio do taboleiro são as elevações da terra. A origem da collina por accumulção ou por denudação pode ser assim comprehendida até pelos alumnos mais novos. Com alumnos mais velhos não deve ser jamais omittida uma explicação da razão de ser um dos flancos da collina ingreme e aspero, emquanto o outro é liso e arredondado. Em muitas circumstancias será necessario recorrer á gravura no intuito de obter uma concepção da forma que deve ser modelada. Em taes casos, a gravura e a forma modelada deveriam ser exhibidas e estudadas simultaneamente... No estudo da collina não deixeis de vêr que os termos topo ou cume, base, falda, vertente, etc. fiquem completamente entendidos.

A' consideração da collina isolada seguirá provavelmente a da serra ou cadeia de montanhas. Não permittaes que o alumno forme o conceito de que a montanha é apenas uma collina alta. A *dobra*, ou *préga* é a forma essencial das montanhas, e a cadeia, não o pico ou monte a unidade de structura. Montes isolados são de rara occurrencia, e na maioria dos casos constam de material accumulado em torno de uma abertura vulcanica. Começae pela cadeia e ensinae-a como uma préga na crosta da terra, — não como uma massa de terras ou rochas accumuladas. Não admittaes a concepção de que uma serra ou cadeia de montanhas consiste meramente em certo numero de montes ou picos, collocados em linha. Evitae em todos os casos o exagero das formas orographicas. Não façaes por exemplo uma serra de cinquenta milhas de altura, com abas de sessenta ou setenta grãos. As inclinações rarissimamente excedem a trinta grãos: raramente vão alem de doze. No estudo da serra, discuti os termos crista ou cumiada, pico, base, canhon, passo, garganta, etc.»

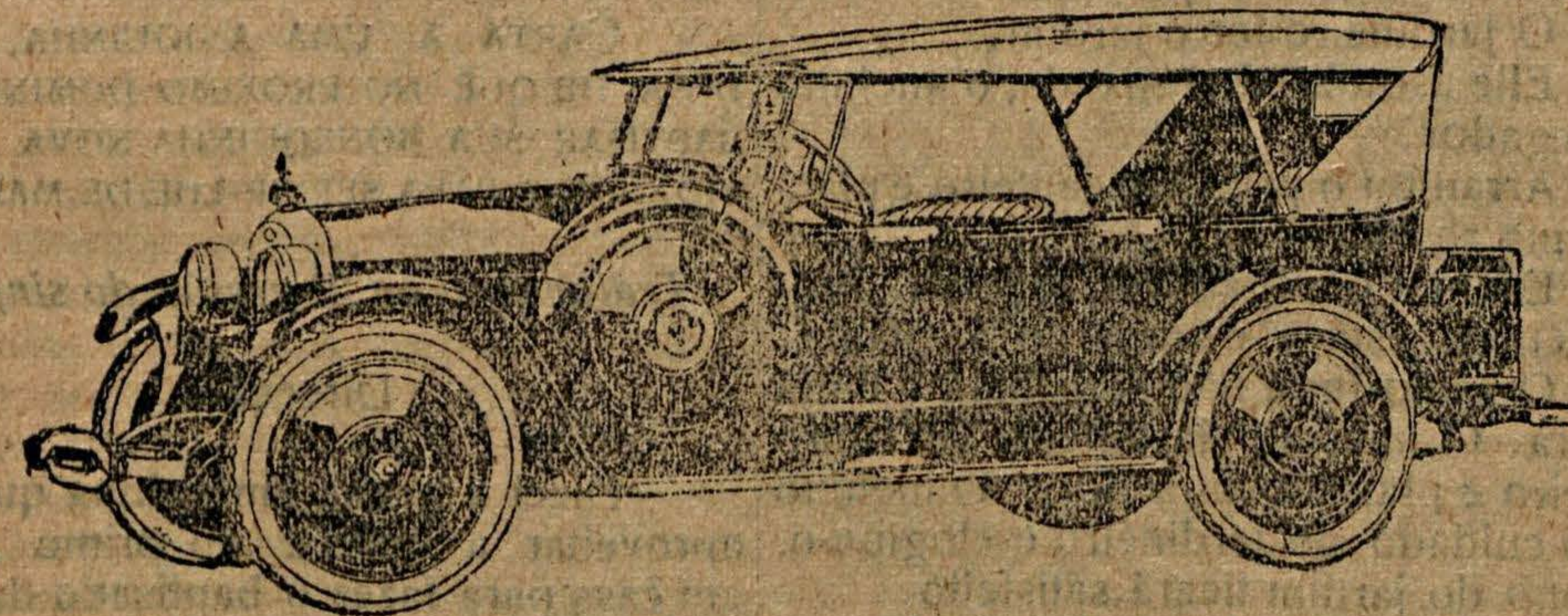
Continuaremos a dar no proximo numero a traducção das partes que mais interessam ao ensino primario.

OTHELLO REIS

## «NASH» o carro ideal

Notavel pela sua belleza, força, commodidade, duração e economia. O carro NASH é o que mais convem para o serviço da praça, não só pelas suas qualidades como pelas vantagens que offerece aos chauffeurs e particulares

VENDAS A LONGO PRAZO



OS NOVOS MODELOS DOS CARROS NASH DE 4 E 6 CYLINDROS

AUTO-GERAL

Companhia Commercial e Maritima

RUA BENEDICTINOS, 1 a 7 — (Esq. da Av. Rio Branco)

RIO DE JANEIRO



## LINGUA MATERNA

## Lingua materna

1.º ANNO

## EXERCICIO DE EXPRESSÃO E MEMORIA

A criança brasileira  
Precisa, certô, saber  
Os confins de sua terra  
Até que ponto vão ter.

O Brasil tem lindas praias.  
Tem grandes rios também,  
E montanhas alterosas  
Onde não subiu ninguem.

Minha terra é grande e bella,  
Tem bosques, aves e olores,  
Tem prados, valles amenos  
Cobertos sempre de flores.

Essas montanhas gigantes  
São cofres de pedras mil,  
Tambem ha ouro e diamantes  
Nos rios do meu Brasil.

As manhãs de minha terra  
São claras, frescas, ridentes ;  
No céu azul infinito,  
Brilha o sol fecundo e quente.

2.º ANNO

I

Escrever no plural todos os nomes  
usados nas seguintes phrases :

O jardineiro fez o jardim.

Elle usou a pá, a enxada, o ancinho  
e o regador.

Arranjou o primeiro canteiro e plan-  
tou uma roseira.

Encheu o regador e regou-a. Pro-  
curou uma estaca e amparou a planta.

O vento forte não derrubará a linda  
roseira. O mesmo jardineiro fez outro  
canteiro e plantou outra flor. O menino  
viu o cuidado do jardineiro e elogiou-o.  
O dono do jardim ficará satisfeito.

II

Substituir pelas palavras convenien-  
tes os traços empregados nas seguintes  
phrases :

A acacia é uma—e no mês de—  
cobre-se de—.

A—cultivada nos—da cachos de—  
amarellas.

As—da—alegram muito os jar-  
dins.

O tom—dessas—no meio da folha-  
gem—forma as—patrioticas do Bra-  
sil.

O—de nossas minas é tambem—  
como as—da acacia.

Muitas—quando estão—são ama-  
rellas como o—e as—da acacia.

A—é uma—util porque, além de en-  
feitar os—, produz uma gomma espe-  
cial.

A—da uma vagem e por isso se  
chama—leguminosa como o feijão.

A—plantada nas ruas dá—verme-  
lhas e offerece boa sombra.

NOTA — Conforme indicação feita  
em numero anterior, este exercicio cons-  
tituirá assumpto de palestra que o deve  
preceder, será o preparo de um dictado,  
e fornecerá ainda elementos para compo-  
sição de phrases. Na aula de desenho as  
crianças deverão copiar os foliolos oppo-  
sitos da folha da acacia: e si a professora  
lhes mostrar as vagens da acacia e do  
feijão analysando as plantas que as pro-  
duzem, terá preparado seus alumnos para  
a noção de proporção do programma do  
3º anno.

3º ANNO

CARTA A UMA AMIGUINHA AVISAN-  
DO-A DE QUE NO PROXIMO DOMINGO VAE  
BAPTISAR SUA BONEQUINHA NOVA E CON-  
VIDANDO-A PARA SERVIR-LHE DE MADRINHA.

*Tratamento na 2ª pessoa do singular*

Direcção

Dizei a vossa amiguinha que ides  
aproveitar a estadia do primo Alberto  
em casa para fazer o baptisado da bone-  
quinha que recebestes no dia de vosso  
anniversario natalicio. Elle servirá de  
padre por ser muito galhofeiro, e o  
Amaro será o padrinho da linda nenê,  
cujo nome ainda não escolhestes por-  
que isto cabe á madrinha.

A cerimonia se fará dentro do ca-  
ramanchão do jardim, ás duas horas da  
tarde, e o resto do dia passarão todos os  
convidados brincando debaixo da maior  
mangueira do pomar. Haverá pasteis,  
frutas, refrescos e uma surpresa que a  
mamãe vos fará.

Terminae dizendo que vos achaeis  
muito atarefada cosendo o enxoval  
da pequena e recommendando-lhe que  
venha com os manos, para que a alegria  
seja completa durante a festa.

NARRAÇÃO

## O melhor presente

Carlinhos era o mais applicado  
alumno da classe. Cuidadoso e obedien-  
te, tinha em ordem seus livros e cader-  
nos, e nunca a professora o encontrára  
em falta com os deveres escolares.

Todos os collegas o estimavam de-  
veras, porque não se podia mesmo de-  
sejar mais affabilidade e mais delicada  
meiguice numa criança de tão pouca  
idade.

Em seu dôce olhar luzia a mais  
viva intelligencia, e, comquanto fosse o  
mais pobre da classe, nunca sentira disso  
o menor desgosto. Desde o principio  
do anno vestira uma unica roupinha de  
brim ordinario, mas andava sempre tão  
asseiado e era tão gentil, que ninguem  
reparára isso. Era orfam de pae, mas o  
grande amor de sua mamãe e a affeição  
das mestras e condiscipulas enrique-  
ciam-no. Um dia sua classe dava um  
festival em beneficio da Liga de Bondade.  
Todos os collegas de Carlinhos trou-  
xeram mimos que seriam vendidos em  
tombola aos outros alumnos da escola.  
Só elle nada pudera offerecer. E em-  
quanto os outros foram, de classe em  
classe, mostrar seus presentes e vender  
os bilhetes que seriam sorteados á hora  
da sahida, ficára elle sozinho na sala,  
abatido pela immensa tristeza de não  
poder ao menos dar um tostão para a  
Liga de Bondade. Levando, porém ins-  
tintivamente a mão ao bolso, encontrou  
a caixinha de lapis de côr que a profes-  
sora lhe dera na vespera. Logo se dis-  
trahio dos tristes pensamentos e princi-  
piou a traçar, numa folha do caderno,  
os contornos de um geranio que se  
achava na mēsa, entre outras flores.  
Carlinhos era habil no desenho e recebia

constantos elogios da mestra; por isso a  
flor em pouco tempo se delineou no  
papel, tomou fôrma e relevo, os botões  
entumeceram, as folhas verdes abriram-se  
avelludadas, e as petalas matizadas com  
arte, confundiam-se, no roseo delicado,  
com as do proprio modelo. Estava admi-  
ravel. A professora recebeu-o encantada  
e foi logo motra-lo á directora, dizendo-  
lhe que era o mais bello presente de  
seus alumnos á Liga de Bondade.

Todos o acharam lindo e compra-  
ram seus bilhetes. A sorte destinou-o á  
directora que o mandou emmoldurar e  
conserva-o no salão de honra da escola  
como lembrança de Carlinhos.

4º ANNO

CARTA A UMA MENINA QUE NÃO  
POUDE PRESTAR EXAME COM SUAS COLLE-  
GAS POR CAUSA DE SUA POUCA APPLICAÇÃO  
DURANTE O ANNO.

*Tratamento na 2ª pessoa do singular*

Direcção

Dizei a vossa amiguinha que ides  
fazer vossas provas escriptas na espe-  
rança de obter boas notas, como re-  
compensa de vossa dedicação aos livros,  
mas que lamentaes sinceramente não  
poder ella fazer outro tanto, só porque  
não quis ter o trabalho de estudar um  
pouco. Quando não foi mencionado  
seu nome entre os daquellas que pode-  
riam prestar exame, soffrestes grande  
abalo, mas é incontestavel que a pro-  
fessora fez justiça tirando da prova uma  
menina que foi tão vadia durante o anno.

Francamente não conheceis melhor  
premio para quem se preocupou tão  
pouco com os deveres escolares. Si  
fosse destituída de intelligencia, então  
sim, teria desculpa de não vencer as  
difficultades do estudo. Mas a verdade  
é que bem vos lembraes de como vossa  
amiguinha conversava em aula quando a  
professora ensinava, e das advertencias  
que a mestra fazia a respeito da obriga-  
ção de estudar por causa da aproxima-  
ção dos exames.

Tambem vos recordaes do olhar e  
das palavras tristes da mestra quando  
vossa amiga não apresentava os traba-



lhos de casa e fazia sem vontade os da escola, mostrando o maior descaso pela geographia e até pela historia de nossa Patria.

Agora todos sentem que é justo o que lhe succede e imaginam grande o remorso que a deve acabrunhar vendo-se impossibilitada de acompanhar as collegas de classe e a querida mestra. Não pretendeis augmentar seu desgosto, mas não podeis deixar de recommendar-lhe que aproveite esta dura lição e estude mais no anno vindouro.

Assim não perderá um anno, dará o mais decidido prazer a seus paes e ficará contente de si mesma, por ter tranquillado a consciencia. Termina declarando que haveis de empregar todo vosso talento e boa vontade em fazer vosso exame, não só para serdes promovida juntamente com as outras colleguinhas, mas tambem para alegrar vossos paes e vossas mestras.

CARTA A UMA AMIGA QUE RESIDE NUMA CIDADE INTERIOR E NÃO CONHECE O RIO.

*Tratamento na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular — você*

#### DIRECÇÃO

Convidae vossa amiguinha a passar comvosco algum tempo, afim de conhecer esta cidade que tem causado a mais viva admiração a todos os estrangeiros que a visitam nestes ultimos annos.

Procurae convence-la da obrigação patriótica, que se impõe a todos os brasileiros, de conhecer a capital da Republica e mostrae-vos mesmo surpreendida de que, sendo ella uma menina intelligente e dispondo de recursos, não tenha vindo, espontaneamente, vêr o Rio de Janeiro.

Falae pouco, porém, o sufficiente para enthusiasma-la, de seu maravilhoso aspecto nos dias de sol e á noite; do movimento e da magnifica edificação de suas avenidas; do soberbo encanto de suas praias e arrabaldes; de seus monumentos; e descrevei-lhe um dos mais apraziveis recantos que conheceis.

ISABEL MENDES

#### 5º ANNO

#### EXERCICIO DE REDACÇÃO

#### A moeda falsa

SUMMARIO—O velho Pedro descobriu que lhe deram uma moeda falsa de dois mil réis. Fica furioso. Tem razão ou não? Dizei por que. Depois de reflectir, elle pensa que poderá passar a moeda a uma quitandeira velha que já não enxerga muito bem. Que pensaes de tal idéa? Dae as razões por que assim pensaes.

#### DESENVOLVIMENTO

Meu visinho, o velho Pedro, o vendedor ambulante, está muito enraivecido. Ouço-lhe a voz tremula que grita: «E' uma vergonha! E' uma cousa abominavel! Roubar dois mil réis a um pobre homem como eu! Que tratante me teria pregado tal peça?...»

Por mais que procure não descobre o auctor de tão má acção. Realmente, comprehendo o vivo descontentamento do velho vendedor; pensemos bem: aquella quantia representa o lucro de uma penosa manhã de trabalho, em que deu tantos passos, soltou tantos pregões, puxando elle mesmo a carrocinha, exposto ao sol ardente.

Si aquelle que assim procedeu, aqui com conhecimento de causa, é duas vezes culpado: por ter commettido um acto deshonesto e por ter illudido um pobre trabalhador.

Acalmado o primeiro accesso de colera, o velho Pedro reflectiu: E agora por que guardaria essa moeda falsa? Não tiveram o escrupulo de passar-lh'a: elle seria muito tolo si a conservasse. Está claro que cada um deve defender seus interesses!

Justamente, a quitandeira Maria não enxerga nada bem, nada é mais facil do que fazel-a aceitar a moeda como pagamento de algumas laranjas...

E, encantado de tal raciocinio, dirige-se Pedro á quitanda de D. Maria.

O descontentamento que acaba de sentir, altera-lhe o juizo e perturba-lhe a consciencia. Não percebe que merece todas as censuras tão energicas que dirigia instantes antes a quem o roubára. Não ha attenuante alguma para sua falta; sabe perfeitamente que a moeda é falsa, que é um pedaço de chumbo sem valor que dá

e não dous mil réis; não ignora que a velha D. Maria, quasi cega, não só vae perder o dinheiro como tambem expôr-se á perseguição da policia.

Vou dizer tudo isto ao pobre Pedro; no fundo é homem de bem e comprehenderá immediatamente a indignidade de seu procedimento. Perderá dous mil réis mas não agirá como um tratante.

#### II

#### EXERCICIO DE VOCABULARIO

Copiar as phrases seguintes, collocando no lugar dos pontos um verbo adequado, no presente do indicativo:

O sol... os olhos (offusca). O tempo... os males (suavisa). O ciúme... as familias, (desune). Uma grande nuvem negra... os ares (escurece). A memoria... pela leitura (se enriquece). A gymnastica... o corpo (adelgaça). O quinino... a febre (cura). O fogo... o ferro (amollece). O trabalho... o homem (enobrece). O abuso do fumo... a memoria, (enfraquece). A mentira... o homem (rebaixa). Quero... para essa boa acção (concorrer). Muito... aos nossos antepassados (devemos).

#### II

Construir seis phrases começando cada uma por um verbo empregado á 2.<sup>a</sup> pessoa do singular do imperativo.

#### DESENVOLVIMENTO

Reflecte antes de falar e agir. Obedece agora, si queres mais tarde saber mandar.

Satisfaze as necessidades de teus velhos paes.

etc. etc.

#### III

CARTA DE BOAS-FESTAS A UM PAE QUE VIAJA

SUMMARIO—O dia de Natal não será alegre por causa da ausencia do pae. —Elle mesmo não se entristecerá ao pensar nessa data nos outros annos?

—Durante o dia, mil occupações distraem os membros da familia; mas, á noite, a casa parece vasia.—Os filhos o

acompanham, com o pensamento, de cidade em cidade.—Terminar desejando boas-festas ao pae e seu prompto regresso á familia.—Despedida affectuosa.

#### 6º ANNO

#### EXERCICIO DE REDACÇÃO

#### O milagre (Tr.)

SUMMARIO—Um joven seminarista encontrou certo dia em... uma pobre mulher que lhe pediu esmola. Comquanto soubesse que trazia a algibeira vasia, remexeu instinctivamente o bolso e muito admirado ficou de encontrar uma moeda que presuroso entregou á mendiga.

Poz-se em seguida a pensar donde esse dinheiro lhe tinha vindo e só poude explicar o facto como sendo um milagre realizado em seu favor. Descrever a alegria, misturada de orgulho, de que se sentiu penetrado.

Quando voltou ao seminario, percebeu que, de manhã, vestiu por engano a batina de um de seus companheiros.

#### DESENVOLVIMENTO

Um rapaz, recentemente entrado para o seminario, atravessava certa manhã as ruas de uma grande cidade, cheio de piedosos pensamentos e olhando apenas para os pobres que encontrava pelo caminho.

Ao dobrar uma esquina uma mulher esfarrapada, carregando duas criancinhas o detem e lhe pede esmola, com tanto mais insistencia quanto maior era a compaixão que lia nos olhos do fervoroso rapaz. Elle, porém muito triste lhe disse: «Ah! nada mais tenho; dei meu ultimo vintem a um velho aleijado».

Entretanto, por um sentimento de conscienciosa delicadeza, e como para mostrar á pobre mulher a sinceridade de seu pezar procurou no fundo da batina para ver si encontraria algum dinheiro esquecido.

Tirou de repente uma prata e tão feliz como admirado, pol-a na mão da mendiga.

Continuando o caminho, abençoado pela mulher, poz-se a pensar donde aquelle dinheiro lhe teria vindo tão a proposito e depois de exgottar todas as conjecturas não achou outra explicação a não



ser a de um milagre realizado em seu favor.

— «Um milagre! exclamou, juntando as mãos. Como? meu Deus, meus fracos meritos vos commoveram a esse ponto?»

É, cheio desses pensamentos, voltou ao seminário, com o rosto radiante de entusiasmo.

De repente, uma pancadinha no hombro e uma pergunta inesperada o despertam de tal embevecimento.

«Então, diz-lhe seu companheiro de quarto, puzeste hoje de manhã minha batina em lugar da tua. Sabes que eu estava muito afflicto porque tinha no bolso toda minha fortuna?»

Quando o camarada soube que milagre se tinha feito a sua custa, zangou-se a principio, mas se consolou depressa.

— «Um dia mais cedo, um dia mais tarde, disse, esse dinheiro seria dos pobres».

Resignou-se, pois, com essa boa obra que tinha feito sem querer.

O outro comprehendeu que não tinha ainda merecido o dom dos milagres; continuou a ser caridoso e mais modesto.

—

## II

### EXERCICIO

Dar a cada um dos adjectivos seguintes o substantivo, o verbo e o adverbio tendo a mesma raiz: Duro — Molle — Activo — Escandaloso — Duvidoso — Util — Secco — Fresco — Sabio — Certo — Doce — Firme — Amplo — Frio — Quente — Escuro — Forte — Fraco — Paciente — Vivo — Pobre — Largo — Baixo.

### DESENVOLVIMENTO

Duro — dureza, endurecer, duramente.

Molle — molleza, amollecere, mollemente.

Activo — actividade, activar, activamente.

etc. etc.

## III

Carta de uma irmã ao irmão reservista.

Summario — Dizer que, ha tres mezes, não recebem noticias do irmão e, no emtanto, a familia lhe escreve, de balde, duas vezes por semana — Mamãe está doente de tanta ansiedade; faz as mais afflictivas supposições para explicar essa falta de correspondencia. (As conjecturas que faz.) — Si o irmão assim procede por negligencia, faz muito mal. Pede-lhe que escreva immediatamente. — A mãe lhe remette cincoenta mil réis, economias que fez. — Despedida carinhosa.

### 7.º ANNO

### EXERCICIO DE REDACÇÃO

### A palavra e o silencio

SUMMARIO — Significação do proverbio: A palavra é de prata e o silencio é de ouro. A palavra é preciosa e presta tambem muitos serviços; é como a prata que é preciosa e se presta igualmente a muitos fins. Mas o silencio é, algumas vezes, mais precioso ainda, quando sabemos calar-nos no momento opportuno, como o ouro é mais precioso que a prata.

A palavra tem um grande valor. E' a expressão do pensamento humano. Propaga a verdade. Devemos falar a cada passo? As intrigas, a maledicencia. Saber calar-se. O silencio é, ás vezes, um crime.

### DESENVOLVIMENTO

E' a palavra um dom inestimavel que a natureza concedeu ao homem; falar é exprimir o que se sente, é comunicar-se com o mundo exterior.

O que constitue o grande valor da palavra é que ella concorre para a propagação da verdade, do mesmo modo que o livro ou a escripta.

Quantas causas nobres ficariam desconhecidas sem os oradores que se fizeram seus defensores!

Mas, si a palavra é um instrumento admiravel em serviço da verdade, d'ahi não se deduz que se deva falar inopportunamente.

### DESENVOLVIMENTO

Tanto a palavra póde prestar serviço quando della nos utilizamos judiciosamente, como se torna detestavel quando della dos servimos irreflectida e desmedidamente.

Basta, para nos convenceremos disso, imaginar como certas pessoas passam em revista as ultimas novidades e os mais insignificantes factos occorridos na vizinhança, arranhando a reputação de um visinho, indagando acerca de outro, para em seguida fazer apreciações mais ou menos exageradas, sem cuidar das mentiras que forjam e da moralidade que compromettem.

O silencio é de ouro diz o proverbio. Ha, porém, casos em que o silencio constitue uma falta e falta grave. Quando descobrimos uma parcella de verdade que póde ser util a todos, devemos publical-a em seu proveito.

Guardar o silencio quando se póde fazer alguma cousa no interesse das justiça; deixar um innocente ser considerado suspeito e um culpado impune; guardar para si a sciencia que póde tornar os outros mais felizes e libertar os espiritos — é apenas permittido aos covardes e egoistas.

E' dever de todo aquelle que tem um pensamento, publical-o para o bem commum. Assim, Jenner que descobriu a vaccina, seria um scelerado si guardasse seu segredo.

## II

### EXERCICIO

Completar cada uma das orações principaes seguintes com o auxilio de tres orações subordinadas conjuncionaes e classifical-as quanto á funcção que exercem.

Creio — Fica o alumno contente. Não devemos mentir — Convem que estudes com ardor. — Os antigos suppunham — Quero instruir-me. — O professor ficaria contente.

Creio que o accaso favorece algumas emprezas, que a lei é igual para todos, que a chuva não tarda a cahir (orações subordinadas conjuncionaes integrantes) — Fica o alumno contente quando trabalhou bem, quando soube as licções, quando auxiliou os companheiros (subordinadas conjuncionaes adverbias de tempo). — Não devemos mentir porque o mentiroso é desprezível, porque a mentira é uma baixeza, porque ninguem mais crê no mentiroso (subordinadas conjuncionaes, adverbias de causa). Convem que estudes com ardor, para que te prepares bom futuro, para que compenses os sacrificios de teus paes, para que sirvas melhor á patria (subordinadas conjuncionaes adverbias de fim). Os antigos suppunham que o sol girava em torno da terra, que a terra era plana; que além do horizonte se achava um abysmo sem fundo (subordinadas conjuncionaes integrantes). O professor ficará contente si meu procedimento fôr irreprehensível, si suas explicações me aproveitarem, si eu compensar os seus esforços (subordinadas conjuncionaes adverbias de condição).

Carta de Pedro a Luis que se mostra rebelde ao pagamento de impostos, julgando-os desnecessários e excessivos. Luis não comprehende que o vinho, o assucar, o sal, o fumo etc. paguem impostos. Pedro explica-lhe a necessidade dos mesmos, comquanto os ache pesados. — Com o dinheiro recolhido se mantem o exercito, a marinha de guerra; pagam-se os juizes, os professores; constroem-se novas estradas e conservam-se as antigas; abrem-se canaes, erguem-se pontes, installam-se escolas; remuneram-se os serviços de limpeza publica e particular etc. etc.

Z.

**KOLYNOS** O creme dental scientifico antiseptico e germicida. Branquea os dentes e fortalece as gengivas.



## ENSINO SCIENTIFICO

## Arithmetica

4º ANNO

Em nossa ultima lição firmámos os mais importantes d'entre os principios relativos á divisibilidade dos numeros; hoje applicaremos rapidamente taes principios á determinação dos caracteres de divisibilidade, como simples exercicio de raciocinio, pois que tal assumpto foi já estudado por processo natural, perfeitamente espontaneo.

— Seja o numero 5814 cuja divisibilidade por 2 queremos verificar. Já sabemos que elle póde ser desdobrado em duas parcellas — dezenas e unidades. Teremos assim

$$5814 = 5810 + 4$$

2 sendo divisor de 10 é tambem divisor de qualquer multiplo de 10 ou, o que o mesmo, de qualquer numero de dezenas, logo, é divisor da 1ª parcella 5810; se 2 fôr igualmente divisor da 2ª parcella, 4, será forçosamente divisor da somma, 5814. E é este o nosso caso. Ora, a 1ª parcella é sempre divisivel por 2; basta portanto verificar se a 2ª o é, ou por outra: para se verificar se o numero dado é multiplo de 2, basta considerar o algarismo escripto na ordem das unidades.

Tomemos agora o numero 5679.

$$5679 = 5670 + 9$$

2 é divisor de 10, logo é divisor de 5670, que é multiplo de 10, mas não é divisor de 9; 2 não é divisor de 5679; e o resto da divisão de 5679 por 2 é o resto da divisão da parcella 9 por 2.

Seja agora o numero 36928 cuja divisibilidade por 4 queremos determinar.

Desdobrando-o em centenas e as ordens restantes, teriamos:

$$36928 = 36900 + 28$$

4 é divisor de 100, logo é divisor de 36900 que é multiplo de 100; se 4 fôr divisor de 28, será tambem divisor de

36928, pois que dividindo as parcellas divide forçosamente a somma. E como 4 é sempre divisor da 1ª parcella, e como a 2ª é constituída pelas duas ultimas ordens á direita, conclue-se que da divisibilidade d'esta parcella depende exclusivamente a do numero dado.

Imaginemos que a 2ª parcella não era divisivel por 4, como succede no numero

$$6537 = 6500 + 37$$

Se 4 não é divisor de 37, isto é — se não é divisor de uma das parcellas em que está desdobrado o numero 6537, tambem não é divisor de 6537; e o resto da divisão de 6537 por 4 é o resto da divisão de 37 por 4.

Analogamente se procederia para os demais divisores — 5, 5², 2³, 5³, 9, 11, pois que é sempre o numero dado desdobrado em duas parcellas, das quaes a 1ª é sempre multiplo de 5, 5², 2³, 5³, 9, 3 ou 11, que taes fôram os divisores que estudámos.

Façamos ainda applicação aos divisores 9 e 11, para dar ensejo á repetição do raciocinio.

Estudados os principios em que se baseia a divisibilidade por 9, e tendo-se chegado a concluir que — todo e qualquer numero inteiro póde ser desdobrado em uma somma de duas parcellas, das quaes uma sempre constituída por um multiplo de 9, e a outra formada pela somma dos valores absolutos dos algarismos com que se escreve o numero, diriamos: 9 é sempre divisor da 1ª parcella; se tambem o fôr da 2ª, será divisor da somma, isto é, do numero dado; se não fôr divisor da 2ª parcella, tambem não será divisor da somma; e o resto da divisão do numero dado por 9, é o proprio resto da divisão da 2ª parcella por 9.

— Do mesmo modo, estudados os principios em que se baseia a divisibilidade por 11, e tendo-se chegado á conclusão de que — todo e qualquer numero inteiro maior do que 11 póde ser desdobrado em uma somma de duas parcellas, das quaes uma é sempre multipla de 11 e a outra é constituída pela differença entre a somma dos valores

absolutos dos algarismos de ordens impares e a somma dos valores absolutos dos algarismos de ordens pares, diriamos: 11 é sempre divisor da 1ª parcella; se tambem o fôr da 2ª, será divisor da somma, isto é, do numero dado; se não fôr divisor da 2ª parcella, tambem não será divisor da somma; e o resto da divisão do numero dado por 11 é o proprio resto da divisão da 2ª parcella por 11.

Grande cópia de exercicios servirá a firmar idéas e a dar á pratica a rapidez e a justeza requeridas nos calculos.

Conhecendo os alumnos, do estudo dos principios relativos ás quatro primeiras operações, que — para os efeitos da multiplicação e da divisão, todo e qualquer numero multiplo póde ser substituido pelos seus factores, o que quando outra vantagem não offerecesse, serviria sempre a facilitar os calculos, permitindo muita vez o emprego do calculo mental; e sabendo além d'isso que — dos varios factores que entram na formação de um numero multiplo, os menores são os numeros primos, unicos que se não podem mais desdobrar, facil será fazer-lhes vêr a necessidade de se conhecerem todos quantos entrem na formação dos numeros multiplos dados, ou, como se costuma dizer, a vantagem da decomposição dos numeros multiplos nos seus factores primos.

Seja, por exemplo, o numero 360 para decompôr em factores primos.

A' simples inspecção verifica-se que

$$360 = 36 \times 10$$

e como

$$36 = 4 \times 9 \text{ e}$$

$$10 = 2 \times 5$$

$$360 = 4 \times 9 \times 2 \times 5$$

sendo

$$4 = 2 \times 2 \text{ e}$$

$$9 = 3 \times 3$$

$$360 = 2 \times 2 \times 3 \times 3 \times 2 \times 5$$

e como a ordem dos factores não altera o valor do producto,

$$360 = 2 \times 2 \times 2 \times 3 \times 3 \times 5$$

ou

$$360 = 2^3 \times 3^2 \times 5.$$

Facilmente chegámos á decomposição do numero 360 em seus factores primos, considerando em primeiro lugar

os seus factores numeros multiplos; que se evidenciavam a uma rapida inspecção, e desdobrando-os depois nos respectivos factores primos; entretanto, e como nem sempre é possivel determinar com rapidez e segurança esses factores numeros multiplos e tambem rapidamente desdobral-os até se obterem os factores primos que os constituem, convem experimentar desde logo a divisão do numero dado pelos differentes numeros primos, na ordem natural, não mudando de divisor emquanto forem possiveis as divisões correspondentes; por tal fórma, o trabalho se torna methodico, nunca será preciso retomar um divisor que já tenha sido abandonado, e desde logo se conhece o expoente com que esse factor entra no numero dado.

Assim, tratando-se do numero 360, que é par, fariamos logo a sua divisão por 2 e teriamos:

$$360 = 2 \times 180$$

Ora, 180 é factor multiplo, logo póde ainda ser desdobrado; e como é numero par, admite o divisor 2. Efectuando a divisão de 180 por 2, teriamos:

$$180 = 2 \times 90$$

Substituindo na 1ª igualdade o factor 180 por seu valor,  $2 \times 90$ , teriamos:

$$360 = 2 \times 2 \times 90$$

Mas 90 é por sua vez um factor multiplo; póde pois ser desdobrado, e como é numero par, convem fazermos a sua divisão por 2.

Teriamos assim

$$90 = 2 \times 45$$

Substituindo na penultima igualdade o factor 90 pelo seu valor,  $2 \times 45$ , teriamos:

$$360 = 2 \times 2 \times 2 \times 45$$

Sendo 45 um factor multiplo, podemos desdobral-o; e como não é numero par, devemos experimentar a sua divisão pelo numero primo que succede 2, se fôr possivel. Applicando ao numero 45 os conhecimentos relativos á divisibilidade, verificamos que é multiplo de 3.



Effectuando a sua divisão por 3, teríamos:

$$45 = 3 \times 15$$

Substituindo na penultima igualdade o factor 45 pelo seu valor,  $3 \times 15$ , teríamos:

$$360 = 2 \times 2 \times 2 \times 3 \times 15$$

15 é porém numero multiplo e divisivel por 3. Effectuando a divisão, teríamos:

$$15 = 3 \times 5$$

Feita a substituição de 15 pelo seu valor, chegaríamos á igualdade

$$360 = 2 \times 2 \times 2 \times 3 \times 3 \times 5$$

ou

$$360 = 2^3 \times 3^2 \times 5$$

Na pratica, para tornar o trabalho mais rapido e para que occupe o minimo de espaço, as differentes divisões são effectuadas mentalmente, escrevendo-se apenas os divisores e os quocientes; e como esses quocientes têm de passar a dividendos, são desde logo escriptos á esquerda de um traço vertical, ficando o divisor respectivo á direita do mesmo traço.

O typo do calculo é o seguinte :

$$\begin{array}{r|l} 360 & 2 \\ 180 & \\ 90 & \\ 45 & 3 \\ 15 & \\ 5 & \\ 1 & \end{array}$$

As divisões estão esgotadas desde que se chegue a um quociente numero primo, que dividido por si mesmo dá para quociente a unidade.

Acontece muitas vezes não ser o numero dado divisivel por nenhum dos factores primos facilmente caracterisados; deve-se, neste caso, experimentar a divisão pelos successivos factores primos até que se chegue a uma divisão exacta ou até se obter um quociente menor do que o divisor. No 1º caso, ter-se-ha encontrado o primeiro, o mais baixo dos factores primos do numero dado, se porventura o quociente fôr numero multiplo, permitindo portanto nova divisão, novo

desdobramento em factores primos; terão sido encontrados os dous unicos factores primos do numero dado, se o quociente obtido fôr tambem numero primo. No 2º caso, concluir-se-ha que o numero dado não póde ser desdobrado: é numero primo.

Exemplifiquemos :

Seja o numero 4199 a decompôr em factores primos.

Rapidamente se verifica que 4199 não é multiplo de 2, nem de 3, 5, 7 e 11; experimente-se, pois, a divisão por 13, numero primo que succede a 11

$$4199 \div 13 = 323$$

d'onde

$$4199 = 13 \times 323$$

Não sendo 323 divisivel por 13, experimente-se a sua divisão por 17

$$323 \div 17 = 19$$

d'onde

$$323 = 17 \times 19$$

e

$$4199 = 13 \times 17 \times 19$$

Sendo 19 numero primo, não ha mais desdobramento possivel.

Typo do calculo :

$$\begin{array}{r|l} 4199 & 13 \\ 323 & 17 \\ 19 & 19 \\ 1 & \end{array} \quad 4199 = 13 \times 17 \times 19$$

Seja agora o numero 493 a decompôr em factores primos.

Verificado não ser 493 multiplo de 2, 3, 5, 7 e 11; experimentada a divisão por 13, que não é exacta, experimente-se a divisão por 17, factor primo que succede a 13; encontra-se para quociente exacto o numero 29, que é primo; conclue-se que 493 é producto de dous unicos factores primos: 17 e 29.

Typo do calculo :

$$\begin{array}{r|l} 493 & 17 \\ 29 & 29 \\ 1 & \end{array} \quad 493 = 17 \times 29$$

Consideremos agora o numero 197, cujos factores primos queremos determinar.

Verificada não ser 197 multiplo de 2, 3, 5, 7 e 11, experimente-se a divisão

por 13, que não é exacta, e por 17 que tambem deixa resto. Observando-se ser o quociente d'esta ultima divisão o numero 11, e portanto numero inferior a 17, conclúe-se que o numero dado é primo, sendo por isso desnecessario continuar as divisões. Effectivamente, se a divisão de 197 por um numero maior do que 17 fosse exacta, o quociente d'essa divisão seria menor do que 11: quanto maior é o divisor menor é o quociente, desde que o dividendo seja o mesmo. Ora, o quociente é um dos factores do dividendo; logo, haveria um factor de 197 menor do que 11, o que não é possivel, visto já estar verificado que 2, 3, 5, 7 e até 11, 13 e 17 não são factores de 197.

Na proxima lição daremos os promettidos exercicios relativos á divisibilidade dos numeros e estudaremos a determinação do maximo commum divisor e do menor multiplo commum.

OLYMPIA DO COUTTO

(Continúa)

### Hygiene do corpo, do vestuario e da alimentação.

(2º ANNO)

*Hygiene do corpo* — Servindo-se de exemplos concretos, pôr em relevo as vantagens do asseio.

Mostrar que uma pessoa assejada é sempre bem vista, bem acolhida por todos, agrada; que, ao contrario, aquella que desconhece o asseio, repugna, é objecto de constantes repulsas.

Affirmar que o asseio, além disso, concorre para o bem estar individual, faz conservar melhor a saude, prolonga a vida; que a falta de hygiene acarreta innumeras molestias — quasi todas as contagiosas. Citar as principaes.

Explicar que a pelle é séde de uma transpiração continua e, estando em constante contacto com as poeiras e outras impurezas do ar, exige rigoroso asseio.

Lembrar em que consistem os cuidados corporaes — banhar-se diariamente; manter os cabellos e o couro cabeludo em perfeito estado de asseio, afim de evitar as caspas e a propagação de parasitas; lavar as mãos, os pés, o

rosto e a bocca mais de uma vez ao dia, trazer as unhas sempre limpas; lavar requentemente as mãos, notadamente; antes das refeições e depois de haver tocado em objectos que não sejam limpos; lavar a bocca e os dentes todas as manhãs, depois das refeições e á noite.

*Hygiene do vestuario* — Fazer ver que o vestuario é empregado não só por bem da moral, mas tambem, para resguardar o corpo contra o frio ou calor excessivos.

Citar as substancias empregadas na fabricação de tecidos — algodão, linho, canhamo, lã, seda... Dizer que, dessas substancias, umas são quentes, impedem a perda do calor do nosso corpo; outras, ao contrario, se apoderam do calor do organismo e o deixam irradiar, com facilidade, pelo ambiente, são frias; dahi o uso destas, no verão; o daquellas, no inverno. Lembrar que, no calor, devemos preferir o algodão ao linho e ao canhamo — elle nos expõe menos ás constipações; que é perigoso conservarmos roupas molhadas, no corpo; que não devemos usar roupas, ligas, calçados, cintos, etc. apertados.

Explicar que a bõa saude depende do regular funcionamento dos orgãos e que estes não poderão funcionar bem, si o sangue não circular livremente.

Accrescentar que as vestes devem ser conservadas muito limpas; que o asseio deve ser observado não só nas roupas externas, mas, sobretudo, nas internas; que estas, por estarem em immediato contacto com o corpo, devem ser mudadas diariamente; que o asseio no vestuario além de causar bõa impressão, é indispensavel para a sua melhor conservação e para o evitamento das doencas transmissiveis.

*Hygiene da alimentação* — Dizer que é o sangue o liquido nutritivo do nosso organismo; que elle resulta das substancias que ingerimos, donde a necessidade de uma esculpulosa escolha dos alimentos; que devemos preferir os mais simples, são e digeriveis (indicar esses alimentos).

Apontar os que devem ser evitados — os indigestos, os fortemente temperados, os mal confeccionados, as conservas de latas, etc. Lembrar os perigos a que estão sujeitos os individuos que se utilisam de alimentos que ficam expostos ás poeiras, ás moscas.



Accentuar que a saude de qualquer pessoa depende não só da qualidade, mas tambem da quantidade ingerida e que, por conseguinte, esta não deve ser demasiada nem deficiente. Dizer que, da deficiencia de alimentação, resultam anemia, depauperamento geral; da falta de sobriedade, indigestão, molestias de estomago. Além disso, cumpre frizar que é indispensavel tomar alimentação ás horas certas, assim como abster-se de comer entre as refeições.

Recommendar ás crianças que não comam apressadamente, que mastiguem bem os alimentos.

Tratando da hygiene da alimentação, convém aproveitar o ensejo, para apresentar algumas regras de civilidade que devem ser observadas á mesa — sentar-se de modo que o busto se con-

serve erecto; não descançar os pés nas travessas das cadeiras; não conservar os cotovellos apoiados sobre a mesa; não abrir os braços sobre os vizinhos, não se debruçar sobre a mesa; não soprar, nem cheirar a comida; não lamber os dedos, nem o talher; não levar a faca á bocca, nem encher demasiadamente o garfo ou a colher; servir-se com talher especial; não pedir para ser servido, esperar a sua vez; não fallar quando estiver comendo; não deixar cahir comida no chão ou na toalha; não comer com sofreguidão; ser attencioso; não incomodar as pessoas proximas; não se levantar da mesa, antes da dona de casa.

E. BLUME.

# MANUAL CIVICO

ARAUJO CASTRO

...-A ardua tarefa imposta ao professor de tornar acessivel a seus alumnos o conhecimento da Constituição está agora facilitada e reduzida ao trabalho de seguir o methodo adoptado no "Manual Civico"... A publicação do "Manual Civico" representa um valioso serviço ao ensino primario e esse livro deve figurar obrigatoriamente em todas as bibliothecas escolares.

D'«A Escola Primaria».

O "Manual Civico" já está adoptado nas escolas do Districto Federal, Estados de Minas Geraes, Rio de Janeiro, Sergipe e Ceará.

A' venda nas principaes livrarias.

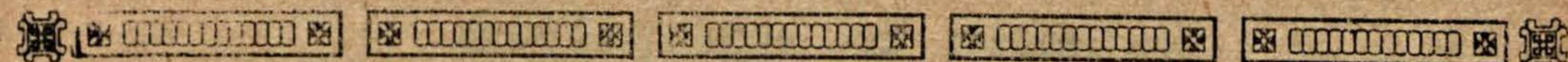
PREÇO 4\$000.

# ELITE HOTEL

CAMBUQUIRA

O ELITE E' O MELHOR HOTEL DE CAMBUQUIRA

Está installado em edificio novo e construido especialmente para o fim a que foi destinado. Agua corrente e campainha electrica em todos os quartos. Mais informações na redacção desta revista.



*Casa do Bastos*  
 TEL C.2616  
 19 RUA URUGUAYANA 19


*Ultimas creações em*  
*Calçados finos em Verniz*  
*e pellicas de cores*  
*para Senhoras*

*OSTA BASTOS & FERNANDES*



**Todo o genero de artigos**

**Para**

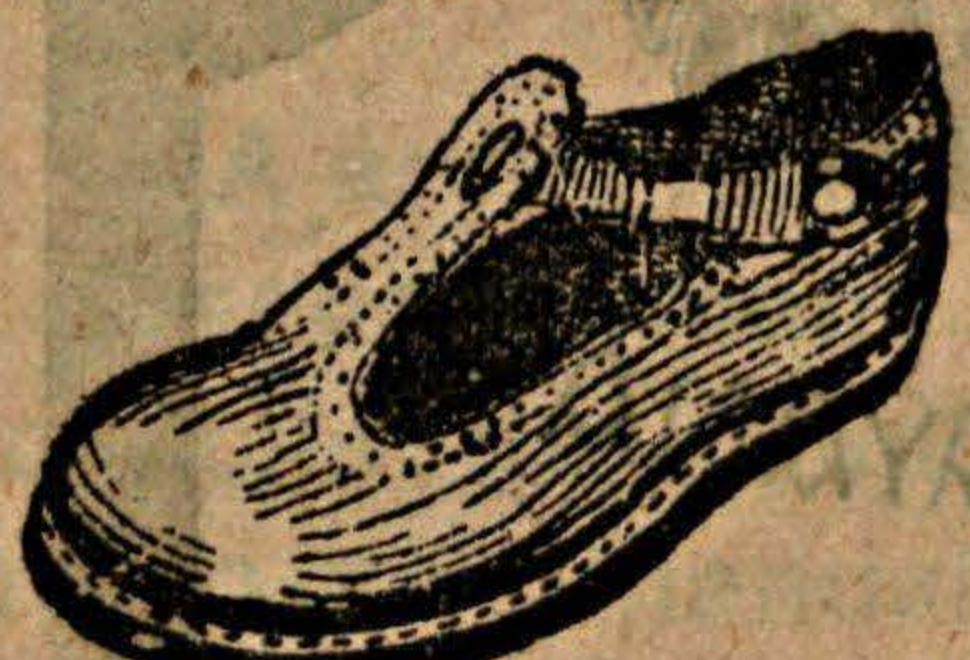


**Senhoras, Homens, Creanças e para Casa**

**ESPECIALIDADE EM UNIFORMES E ENXOVAES PARA COLLEGIAES**


**CASA GUIOMAR**  
CALÇADO DADO  
Avenida Passos, 120  
(Proximo a Rua Larga)

Tendo adquirido uma importante fabrica pode assim vender todos os seus productos de calçados desde as alpercatas a Luiz XV mais barato que qual-quer casa 50 oio.



**MODELO NILDA**

De 17 a 26.....	4\$000
De 27 a 32.....	5\$000
De 33 a 40.....	6\$500



**MODELO NORAH**

De 17 a 26.....	4\$500
De 27 a 32.....	5\$500
De 33 a 40.....	7\$500

Pelo Correio, mais 1\$500 por par

Remettem-se catalogos illustrados gratis para o interior a quem os solicitar.

**Pedidos a JULIO DE SOUZA**



**O que o doente sente com o uso do «ELIXIR DE INHAME»**

Com o tratamento pelo Elixir de Inhame, o doente experimenta uma grande transformação no seu estado geral; o apetite augmenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arsenico) a cor torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais resistencia á fadiga e respiração facil. O doente torna-se florescente, mais gordo e sente uma sensação de bem estar muito notavel.

**Modo de usar :** O Elixir de Inhame Goulart deve ser usado na dose de uma colher depois de cada refeição.

**Depura - Fortalece - Engorda**

# Leitura Primaria

Creanças e Homens, para o 2º anno

Licções e Leitura, para o 1º anno

Licções e Leitura, livro do mestre

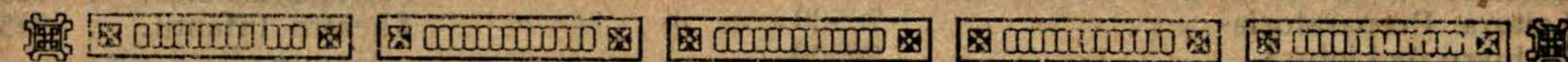
Cartilha, com abecedario animado

PELO PROF. M. BOMFIM

## Na CASA ELECTROS

Rua Chile, 9

e na Livraria Alves.



# Textos para corrigir

Compilados pelo professor OTHELO REIS

*Acaba de sahir do prélo esta interessantissima collectanea de composições, em que se encontram consignados os mais frequentes erros de linguagem. Livro especialmente organizado para servir á rapida revisão do estudo da lingua vernacula, por meio da correcção collectiva ou individual.*

A' venda na Livraria Francisco Alves — Rio de Janeiro



# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Libero Badaró, 129

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional . . . . .	\$600
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
3º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	1\$000

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia . . . . .	\$600
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
1º Livro de Leitura . . . . .	3\$500

## SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica . . . . .	1\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
O Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães . . . . .	1\$000
Primeiras Leituras . . . . .	2\$000
Leituras Moraes . . . . .	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura . . . . .	1\$500
Cartilha . . . . .	1\$800
Leitura Preparatoria . . . . .	2\$500
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	4\$000

## JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
5º Livro de Leitura . . . . .	4\$000
Leituras Praticas . . . . .	3\$000
Fabulas (em verso) . . . . .	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria . . . . .	2\$000
Leitura para o 2º anno . . . . .	2\$500
Leitura para o 3º anno . . . . .	2\$500
Leitura para o 4º anno . . . . .	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias . . . . .	2\$000
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000

## ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura . . . . .	\$600
Novo 1º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000

## FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler . . . . .	\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$600
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
Excursões escolares . . . . .	1\$000

## DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro . . . . .	1\$500
Vida Infantil 2º Livro . . . . .	2\$000
Vida Infantil 3º Livro . . . . .	2\$000

## COLLECÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro . . . . .	1\$000
Novos principios de Leitura . . . . .	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, ás 2 partes . . . . .	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte . . . . .	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte . . . . .	2\$000
Compendio de Historia Sagrada . . . . .	3\$000
Noções de Sciencias . . . . .	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.) . . . . .	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.) . . . . .	6\$000
E. DE AMICIS — Coralção . . . . .	2\$000

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente . . . . .	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios . . . . .	3\$500
” ” Patria Brasileira . . . . .	3\$500
” ” Theatro Infantil . . . . .	2\$500

## CORNAZ

As creanças e os animaes . . . . .	1\$500
Novos Amigos . . . . .	2\$070
CORREIA e BARRETO—Era uma vez . . . . .	2\$000
A. M. PINTO—Proverbios populares . . . . .	2\$000
BILAC e BOMFIM—Leitura Complemeutar . . . . .	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar . . . . .	3\$500

## TANCREDO AMARAL

Livros das Eacolas . . . . .	3\$000
------------------------------	--------

## BARRETO E LAET

Anthologia Nacional . . . . .	6\$000
-------------------------------	--------

## EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira . . . . .	6\$000
---------------------------------	--------

## JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos . . . . .	3\$000
Selecta Classica . . . . .	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico . . . . .	3\$500
B. P. R.—Leitura Manuscripta . . . . .	1\$500

## A BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica . . . . .	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infrantis . . . . .	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Creanças . . . . .	2\$000
R. PUIGGARI—Album de Gravuras . . . . .	2\$000

Remettemos nosso catalogo, gratis para todo o Brasil